



09 AGOSTO
a 26 NOV
2023

MÁRIO CESARINY

Centenário

Primeira Pessoa
Casa da Liberdade
- Mário Cesariny

**... e os seus
contemporâneos**
Perve Galeria

Curadoria:
Carlos Cabral Nunes



MÁRIO CESARINY

Centenário



Primeira Pessoa

Casa da Liberdade
- Mário Cesariny



Mário Cesariny

Intervenção plástica s/portas de madeira (da sua casa, em Lisboa)
215x101cm, 1982-2006 | CSY057

Obra emprestada para a exposição "Castelo Surrealista de Mário Cesariny" no MAAT em Lisboa

“Primeira Pessoa”

PT |

Assinalando o centenário de nascimento de Mário Cesariny de Vasconcelos (1923-2006), a sua Casa da Liberdade e a Perve Galeria apresentam “Primeira Pessoa” e “... e os seus contemporâneos”, duas exposições que celebram a extraordinária vida e o profundo legado daquele que é uma das personalidades maiores das artes e da poesia em Portugal. Explorando o seu compromisso inabalável com a liberdade, entre uma parte significativa de material inédito, são apresentadas centenas de documentos, fotografias, textos e obras de arte, de Cesariny e de vários autores seus contemporâneos, que certamente permitirão múltiplas e diversas revelações.

Mário Cesariny de Vasconcelos nasceu em 1923. Estudou na Academia de Amadores de Música sob a orientação de Fernando Lopes Graça, ingressando nos anos 40 na Escola António Arroio onde conheceu Alexandre Pomar, Artur Cruzeiro Seixas, Fernando de Azevedo, Fernando José Francisco, Marcelino Vespeira, entre outros. Em 1944, adere ao neorealismo e, um ano depois, profere a conferência “A Arte em Crise”. Em 1947, afasta-se do Grupo Surrealista de Lisboa, descontente com os seus limites e imposições, tendo, em 1948, manifestado o seu desacordo numa carta enviada a Alexandre O'Neill. No mesmo ano forma o anti-grupo “Os Surrealistas”, cuja primeira exposição decorreu em 1949 na antiga sala de projeções Pathé-Baby, em Lisboa. Nos três anos seguintes protagoniza várias polémicas, através da redação e envio de folhas volantes, troca de correspondência e conferências. No princípio da década de 1960, a Guimarães Editora publica duas obras de poesia da sua autoria, “Antologia do Cadáver Esquisito” e “Planisfério e Outros Poemas”. Nos anos 1980 realizou várias exposições em Lisboa, Almada e Torres Novas. Em 2002 recebeu o Grande Prémio EDP e, em 2005, o Prémio “Vida Literária”, da Associação Portuguesa de Escritores e a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade, entregue em sua casa pelo, à época, Presidente da República Portuguesa, Dr. Jorge Sampaio.

Mário Cesariny começa a colaborar com a Perve Galeria em 2000, tendo participado, até 2006, em várias das suas exposições, como “Razões de Existir”, de 2001, exposição comemorativa do seu 1.º aniversário, “Acervo 02”, em 2003, “Da Convergência dos Rios”, “Acervo 03” e “Razões de Existir IV”, realizadas em 2004. Entre 2 de novembro e 20 de dezembro Cesariny realiza na Perve Galeria a sua última exposição em vida, “Cesariny, Cruzeiro Seixas e Fernando José Francisco e o passeio do cadáver esquisito”, que marcou o reencontro destes três surrealistas após décadas de afastamento, apresentando trabalhos originais criados entre 1941 e 2006, incluindo um conjunto inédito de 12 “Cadavres Exquis”, alguns deles agora em exposição na Perve Galeria. Estando Cesariny representado na Coleção Lusofonias da Perve Galeria, coleção iniciada em

1998 dedicada à arte moderna e contemporânea dos países de língua portuguesa, tem integrado as várias exposições da mesma, nomeadamente na Índia, em Portugal, no Senegal e na Turquia. Entre outubro e novembro de 2023, a Coleção será apresentada em Copenhaga, Dinamarca, na exposição “Cesariny, Surrealism and Lusofonias”, integrada no ciclo de comemoração do centenário de Mário Cesariny.

Em 2013 é fundada a Casa da Liberdade - Mário Cesariny, cuja exposição inaugural colocava lado-a-lado obras inéditas de quatro figuras maiores do movimento surrealista português - Cruzeiro Seixas, Isabel Meyrelles, Carlos Calvet e o próprio Cesariny. Ao longo dos anos, o revisitar da obra dos surrealistas tem sido uma constante do programa curatorial da Casa da Liberdade, bem como a integração de espólios de vários dos protagonistas do surrealismo em Portugal. Em 2009 e 2019 a instituição dinamizou os ciclos de celebração dos 60 e 70 anos sobre a primeira exposição de “Os Surrealistas”, e, em 2014, esteve na linha da frente do movimento de cidadania que pugnou pela manutenção em Portugal das 85 obras de Joan Miró, pertença do Estado Português, via nacionalização do BPN.

Pela caligrafia e voz própria de Mário Cesariny, “Primeira Pessoa”, patente na Casa da Liberdade, apresenta um notável conjunto de documentos inéditos provenientes dos vários espólios que a instituição alberga. Permitindo aceder de forma única à dimensão humana, espiritual, criativa, e ao humor do mestre surrealista, que via no fazer artístico a essência fundamental da existência do homem livre, enaltece-se o seu pensamento e a sua produção plástica pela apresentação de perto de uma centena de obras, entre esculturas, joias, poemas-objeto e colagens. A estas juntam-se inúmeras cartas e fotografias, destacando-se a correspondência com a escultora e poetisa surrealista Isabel Meyrelles (1929), ou aquela trocada em 1982-83 com Yoko Ono, visando a realização de uma obra de homenagem a John Lennon, a ser apresentada no Central Park, em Nova Iorque.

As exposições estarão patentes até 26 de novembro, dia em que se assinalam 17 anos volvidos sobre a morte de Cesariny, permitindo também desse modo assinalar o 10.º aniversário da Casa da Liberdade, a 2 de novembro, com duas mostras que celebram a inspiração maior por trás da sua fundação, e dinamizando um encontro de leitura e declamação de poemas de Cesariny e dos seus contemporâneos, por vários intervenientes.



Mário Cesariny - O homem que quis matar o Papa
Técnica Mista s/Tela, 24 x 18 cm, n.d | CSY046



Mário Cesariny - Sem Título
Colagem, 28,5x20,3cm, n.d | CSY151

“Primeira Pessoa”

ENG |

Celebrating the centenary of the birth of Mário Cesariny de Vasconcelos (1923-2006), Casa da Liberdade and Perve Galeria present “Primeira Pessoa” and “... e os seus contemporâneos”, two exhibitions that celebrate the extraordinary life and profound legacy of one of the greatest personalities of the arts and poetry in Portugal. Exploring his unwavering commitment to freedom, among a significant part of unpublished material, hundreds of documents, photographs, texts and works of art by Cesariny and several of his contemporaries are presented, which will certainly allow multiple and diverse revelations.

Mário Cesariny de Vasconcelos was born in 1923, and studied at the Academia de Amadores de Música under the guidance of Fernando Lopes Graça, joining the school António Arroio in the 1940s where he met Marcelino Vespeira, Fernando de Azevedo, Alexandre Pomar, Fernando José Francisco, Artur Cruzeiro Seixas, among others. In 1944, he joined neorealism and, a year later, gave a lecture entitled “Art in Crisis”. In 1947, he left the Lisbon Surrealist Group, unhappy with its limits and impositions, and in 1948 he expressed his disagreement in a letter to Alexandre O’Neill. The same year he formed the anti-group “Os Surrealistas”, whose first exhibition took place in 1949 in the old Pathé-Baby projection room, in Lisbon. Over the next three years, he was the protagonist of several polemics, writing and sending out flyers, exchanging correspondence and giving lectures. In the early 1960s, Guimarães Editora published two poetry books written by him, “Antologia do Cadáver Esquisito” and “Planisfério e Outros Poemas”. In the 1980s he held several exhibitions in Lisbon, Almada and Torres Novas. He began to collaborate with Perve Galeria in 2000. In 2002, he received the EDP Grand Prize and, in 2005, the “Vida Literária” Prize from the Portuguese Writers’ Association and the Grand Cross of the Order of Liberty, presented to him by the then President of the Portuguese Republic, Dr Jorge Sampaio.

Mário Cesariny began collaborating with Perve Galeria in 2000, and until 2006 he participated in several of its exhibitions, such as “Razões de Existir”, in 2001, an exhibition commemorating its 1st anniversary, “Acervo 02”, in 2003, “Da Convergência dos Rios”, “Acervo 03” and “Razões de Existir IV”, held in 2004. Between 2 November and 20 December, Cesariny held his last exhibition in his lifetime at Perve Galeria, “Cesariny, Cruzeiro Seixas and Fernando José Francisco and the walk of the weird corpse”, which marked the reunion of these three surrealists after decades apart, presenting original works created between 1941 and 2006, including an unprecedented set of 12 “Cadavres Exquis”, some of them now on display at Perve Galeria. Cesariny is represented in Perve Galeria’s Lusofonias Collection, a collection started in 1998 dedicated to

modern and contemporary art from Portuguese-speaking countries, and has been part of its various exhibitions, namely in India, Portugal, Senegal and Turkey. Between October and November 2023, the Collection will be presented in Copenhagen, Denmark, in the exhibition “Cesariny, Surrealism and Lusofonias”, as part of the cycle celebrating the centenary of Mário Cesariny.

In 2013 Casa da Liberdade - Mário Cesariny was founded, whose inaugural exhibition placed side-by-side unpublished works by four major figures of the Portuguese surrealist movement - Cruzeiro Seixas, Isabel Meyrelles, Carlos Calvet and Cesariny himself. Over the years, revisiting the work of the surrealists has been a constant part of Casa da Liberdade’s curatorial programme, as well as the integration of the collections of several of the protagonists of surrealism in Portugal. In 2009 and 2019, the institution promoted the cycles celebrating the 60th and 70th anniversary of the first exhibition of “The Surrealists”, and, in 2014, it was at the forefront of the citizens’ movement that fought for the maintenance in Portugal of the 85 works by Joan Miró, belonging to the Portuguese State, via the nationalization of BPN.

In the author’s own handwriting and voice, “Primeira Pessoa”, at Casa da Liberdade - Mário Cesariny, presents a remarkable set of unpublished documents from the various collections that the institution houses. Allowing unique access to the human, spiritual and creative dimension of the surrealist master, who saw in artistic making the fundamental essence of the existence of the free man, his thought and his plastic production are praised by the presentation of close to a hundred works, including sculptures, jewellery, object-poems, paintings and collages. In addition to these, there are numerous letters and photographs, including, for example, the correspondence with the surrealist sculptor and poet Isabel Meyrelles (1929), or the one exchanged in 1982-83 with Yoko Ono, in which the artist commissioned a work to honour John Lennon in New York’s Central Park.

The exhibitions will be open until November 26th, 17 years after Cesariny’s death, thus also allowing to mark the 10th anniversary of Casa da Liberdade, on 2 November, with two exhibitions that celebrate the main inspiration behind its foundation, and promoting a meeting of reading and recitation of poems by Cesariny and his contemporaries, by various interpreters.

Cronologia (em formato narrativo) da ligação da Casa da Liberdade - Mário Cesariny e da Perve Galeria a “Os Surrealistas”

No catálogo da exposição que celebrava o 5º aniversário da Perve Galeria, em 2005, definia a perspectiva sobre o público que pretendíamos atingir e aquelas que continuo a considerar serem as directrizes fundamentais deste projecto e do trabalho que havia sido desenvolvido desde a fundação, no ano 2000, e a partir do qual deveríamos procurar renovar(-nos) e transformar, mas também do espírito típico dos homens livres, conforme a tenho bebido ao longo dos anos em seres humanos extraordinários, como Mário Cesariny - inspiração maior da Casa da Liberdade: “Ganhando a estima de algum público - sobretudo aquele que nos interessa, que sabe e quer conversar sem televisão à mesa, que se perde nas horas a olhar um quadro, a ver um documentário, feito aqui, sobre este ou aquele autor, que saboreia o café, aqui, que lê um livro, de poesia, ensaio, arte, aqui, que compra ou não (compra) (...), que, independentemente disso, vive nas histórias das obras e nas dos seus autores. Aprecia, verdadeiramente, aquilo que para nós tem sido uma dádiva de sanidade neste mundo quase em farrapos. E nós agradecemos pelo simples facto de que, assim, sabemos não estar sós”.

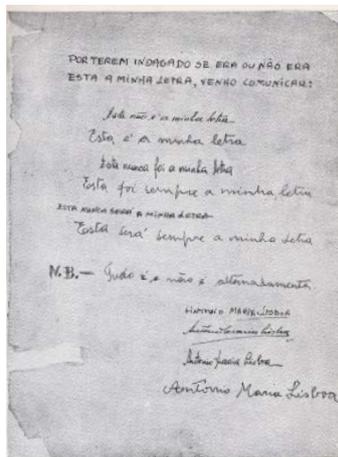
Dessa exposição, começo por destacar a presença do próprio Cesariny. Muito se disse já a seu respeito, a partir de muitas perspectivas e segundo vezes mais ou menos iluminadas. Menos se terá escrito sobre a sua estatura emotiva, a sua dimensão enquanto ser (humano e espiritual). Creio haver observado, ao longo do tempo em que tive o privilégio de com ele privar, uma mutação admirável - de astro-estrela em pose para o admirador admirado, a homem verdadeiro com dúvidas, carne, sangue, suor, tristeza, espanto, alegria súbita e autêntica e, isto o mais impressionante, necessitando do acto criador, da matriz, do fazer artístico como a essência fundamental da



1ª exposição de “Os Surrealistas”
Sala de projecções da Pathé-Baby, Lisboa, 1949



(1) Mário Cesariny
Sem Título (Relógio de parede)
Pintura s/ madeira 75x28x16cm, n.d



António Maria Lisboa
Documento-manifesto afixado na 1ª
exposição de “Os Surrealistas”, na Sala de
projectões da Pathé-Baby, Lisboa, 1949



(2) Mário Cesariny
Palavras Actos de António Maria Lisboa,
Técnica mista s/madeira, 26x30cm, n.d.

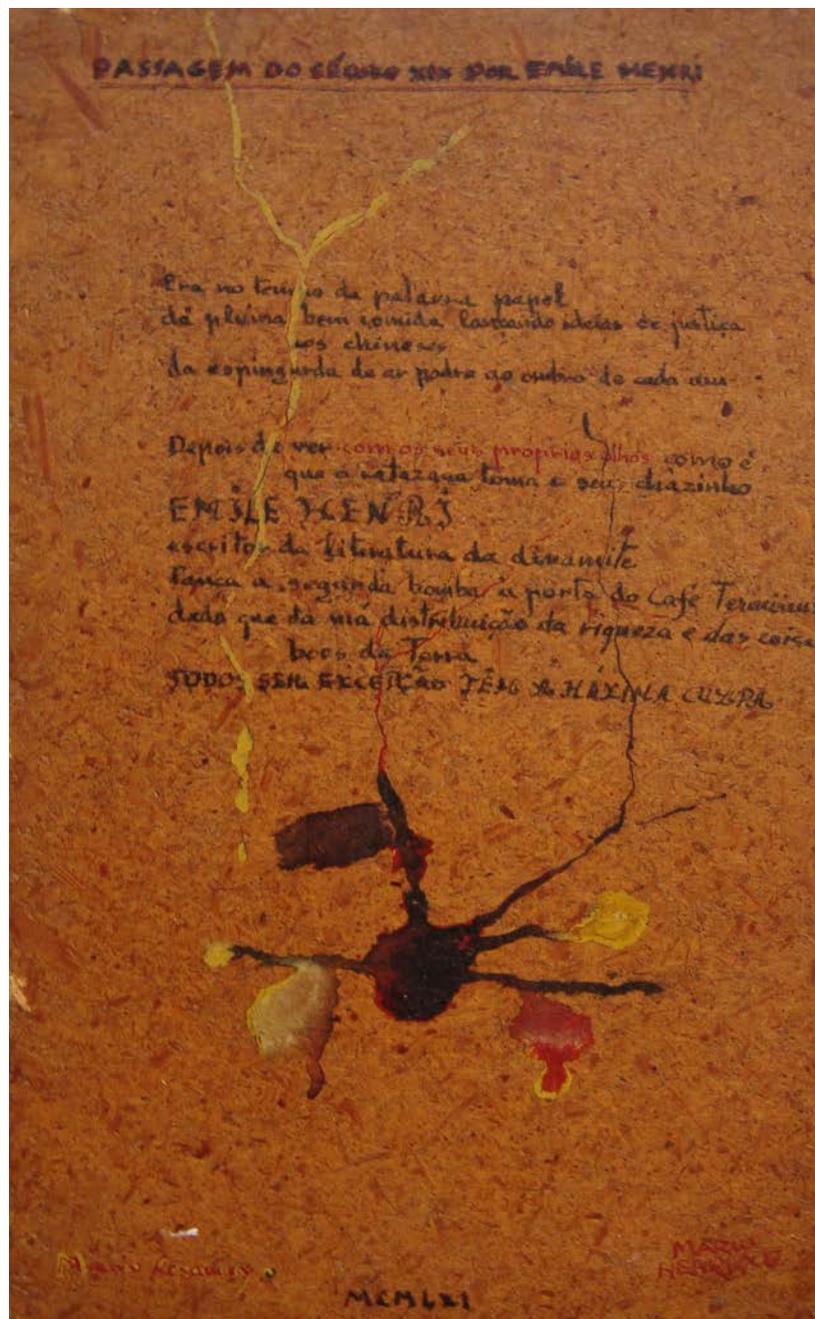
existência, mais importante que comer, tão vital como respirar, fundante como as primeiras memórias, inabalável como a certeza de estar vivo.

O relógio que nessa exposição se apresentou **(1)**, e que o Mário conservara a partir da memória familiar, recuperando os tempos de jovem em que era o olhar hipnótico do pêndulo do relógio a marcar o ritmo da sua relação com os pais, num tempo muito difícil, é um sinal dessa inscrição permanente do ser na obra e, desta, na sua memória e na existência vivida, tanto na proximidade como na distância.

Essa primeira exposição também dava abertura para uma série de outros diálogos que consideramos fundamentais para a devida compreensão do Surrealismo em Portugal, contra as vozes que teimam em anunciar a sua insignificância, que lhe vaticinam um atraso histórico irreparável ou que continuam a desvalorizar o seu legado, não reconhecendo a importância do seu impacto, não apenas em Portugal mas no contexto vasto do mundo, também no da Lusofonia.

Destaco alguns aspectos: o propiciar de colaborações entre surrealistas portugueses e internacionais, a relação profícua entre companheiros de aventura surrealista, por cá, e a relação crítica, assertiva, com alguma da tradição nacional. Veja-se, quanto ao primeiro caso, «Palavras Actos - diz António Maria Lisboa» **(2)**, em que Cesariny coloca A. M. Lisboa e Antonin Artaud em diálogo consonante.

Quanto ao segundo aspecto, é de salientar a importância da colaboração com Mário-Henrique Leiria, um importante artista do Surrealismo português, que ultrapassa em muito o mero contexto das dissidências e do seu suposto afastamento a partir de meados da década de 1953.



Mário Cesariny
Passagem do Séc. XIX por Emile Henry
Realizado com Mário Henrique Leiria
Óleo s/madeira prensada /30x20cm, 1961

“Afinal o que importa não é bem o negócio
nem o ter dinheiro ao lado de ter horas de ócio”



Mário Cesariny - Vou!
Marcador s/ papel
50x30 cm, n.d. | CSY 055

A verdade é que em 1961, em colaboração com Cesariny, realizaram a obra “Passagem do Séc. XIX por Emile Henry”. É conhecida a relação paródica de Cesariny com Fernando Pessoa. Nessa exposição constavam duas versões de “Fernando Pessoa Ocultista”, nomeadamente a escultura original em gesso pintado pelo autor e o seu múltiplo em bronze.

Chama-se à atenção para a ênfase dada por Cesariny, tanto para a importância da figura pessoal, como para os vários aspectos da sua rede de interesses que estando na altura – como ainda hoje – muito na moda nunca foi devidamente explorado.

Esta obra obedeceu a um processo que só por si é já eloquente da dedicação de Cesariny e a sua tendência para produzir releituras de um mesmo trabalho, em diferentes momentos. A partir de um desenho de sua autoria, de 1957, Isabel Meyrelles realizaria, em 1981, a escultura em gesso que se reproduz, de cuja pintura o próprio Mário se ocupou, e que depois estaria na origem da respectiva versão em bronze.

Carlos Cabral Nunes | texto incluído no catálogo especial da exposição “Evocando Mário Cesariny”, que assinalava 10 anos sobre a morte do autor e o 3º ano da Casa da Liberdade, 2016



Mário Cesariny, A primeira lição
Marcador s/ papel
50x30 cm, n.d. | CSY 054



Mário Cesariny, 3,1416
Marcador e óleo s/ papel
50x30 cm, n.d. | CSY 048



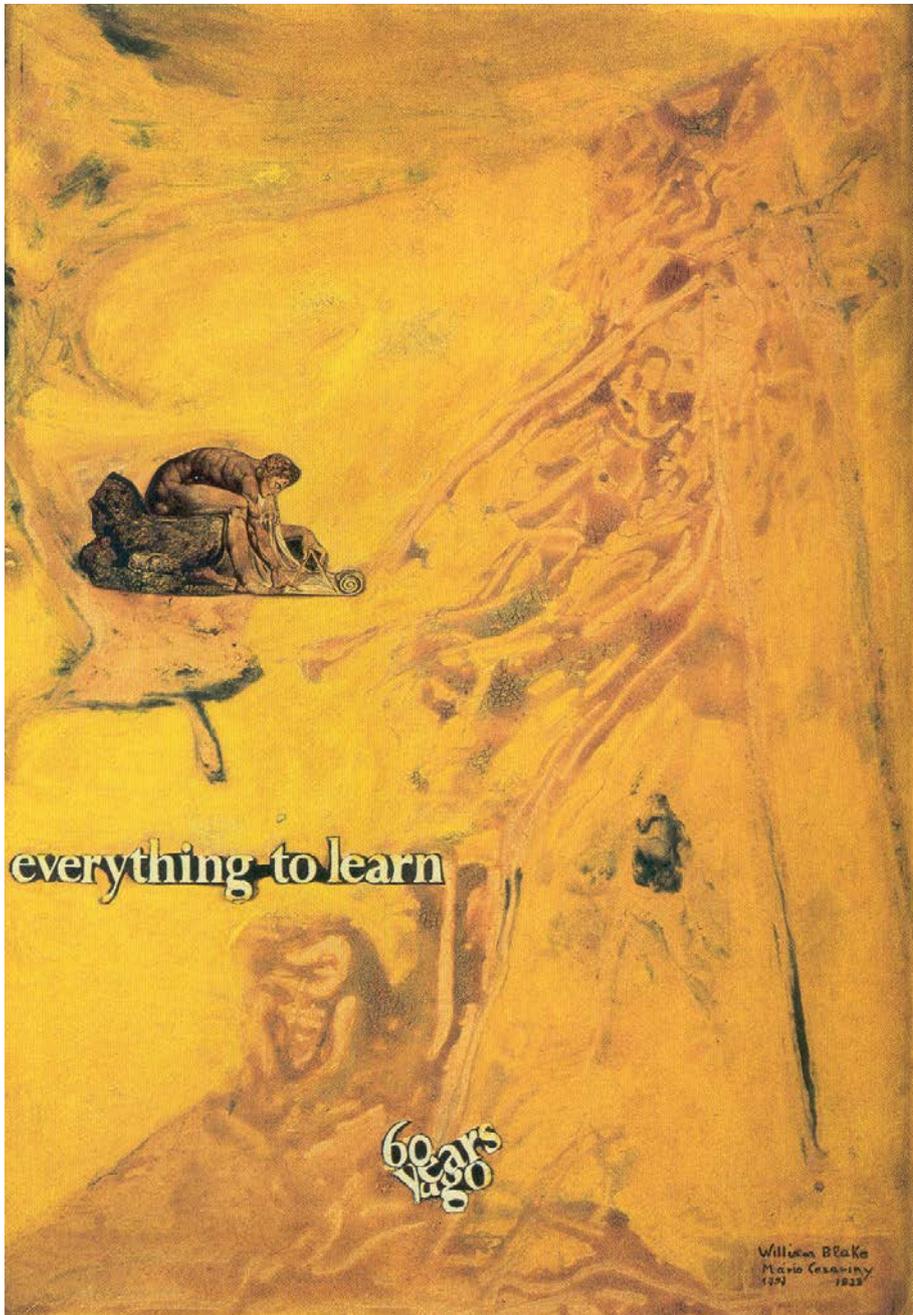
Mário Cesariny - Sem Título
Serigrafia (HC), Mancha
69x49cm, 1996 | CSY_43



Mário Cesariny - Homenagem a André Breton Pregador
zem prata e ónix com estojo em tecido
4x3,5 x1cm, 2006 | CSY_99



Mário Cesariny - Poesia
Pregador em prata com estojo em tecido
7,2x3,3x3cm, 2006 | CSY_115A



Mário Cesariny - Everything to learn 60 years ago
Verso.

Mário Cesariny - Everything to learn 60 years ago
Colagem e ovo sobre papel colado em madeira. 1968,
55x37 cm. Frente.

Obra emprestada para a exposição "Castelo Surrealista de Mário Cesariny" no MAAT em Lisboa

Cesariny, o Grande (Desconstrutor)

Se quisermos pensar em Mário Cesariny de Vasconcelos devemos figurar alguém que desconstrói, que baralha os dados, que nos deixa sem chão. Começou por si mesmo (como cabe aos heróis) e, num ritual exemplo de desmontagem do mundo, acabou di pensando o apelido paterno – trata-se de um sacrifício de amputação-libertação, como que uma cerimónia arcaica que o deixou livre para fazer aquilo que não era esperado fizesse: ser poeta e amar, vaguear pelas cidades e gritar, olhar as linhas de águas do mar e pintar, pegar em objectos perdidos e dar-lhes um novo sentido.

Dessas obras dos primeiros anos de actividade pode logo dizer-se que são obras finais – porque a juventude só o é como longo caminho de respiração. Das obras mais recentes, muitas surgem enfeitadas de um alo de leveza e jovialidade. Ambos os tempos transportam o segredo da maturidade, que não é alguma coisa que se alcance com esforço mas um sinal, que nasce com alguns. A maturidade não é séria nem alegre, não é densa nem solta, pode viver em todas as dimensões de um trabalho humano, mas vive em muito poucos humanos – é a marca da sabedoria e da alegria. Cesariny tem de tudo no seu corpo artístico: jocoso e épico, lírico e contestatário – poemas feitos de palavras simples e “assemblages” extremamente complexas, pinturas de uma só cor e linha e aquamotos onde tinta e água estabelecem redes de inextrincáveis texturas, colagens de subtis truques visuais e linguísticos e pinturas onde os símbolos se oferecem a uma leitura iniciática.

Cesariny apresenta uma obra que se faz dos rostos e corpos que se viram e que se imaginaram, que se perderam e que se quiseram. O desejado, como imagem ideal do amado (cavaleiro ou vilão, rei ou marujo); e do amigo que a passagem dos anos matou – como matou a cidade, os seus cafés, a sua poesia, os seus eléctricos...

São iconografias pessoais construídas, entre textos e imagens, em redor de heróis e anti-heróis, desejados e rejeitados e de novo desejados e rejeitados.

De Cesariny apresentam-se obras em que enfrenta a morte com a displicência de quem ama a vida e o temor também de quem ama a vida. E o seu atelier imaginário enche-se de portas “para uma realidade paralela”, de lições de sabedoria última onde não pode faltar nem uma “arte de morrer” nem um “memento mori”. São coisas feitas de pedaços de vidas esquecidas, encontradas e desencontradas, de amigos que se esquecem dos sapatos (Francisco Aranda), de recortes de necrologias e primitivos instrumentos de música erguidos em elementos de brasão. Também uma “memória para José Escada” se pode entender como monumento póstumo e, ao mesmo tempo, esclarecer-nos acerca da tarefa de acaso e minúcia que é para Cesariny apanhar o lixo urbano (por exemplo, embalagens de fruta e de electrodomésticos) para deles retirar (ou neles colocar?) todos os sentidos de um pensamento interessado em falar da vida e de si mesmo através da morte e dos outros.

De Cesariny apresentam-se obras de peças roubadas em “altares”. São altares sacrílegos devidos, não a qualquer vocação religiosa mas a uma inevitável vocação de mistério e transcendência que faz admitir à mesa da ceia o falh do “assassino do papa” (Padre Khron) ou os inocentes “pastorinhos”, que concebe um pequeno altar azul sem imagens (apenas como estrutura arquitectónica) ou, numa associação escultórica (quase, também, uma escultura tumular), uma “Homenagem a Bocage que protestou pela morte de Maria Antonieta, rainha de França” – aqui, o título transforma em trágico o que poderia parecer uma brincadeira (assemblage de um casco de tartaruga, recuperado de forma kitsch, com uma cabeça de boneca).

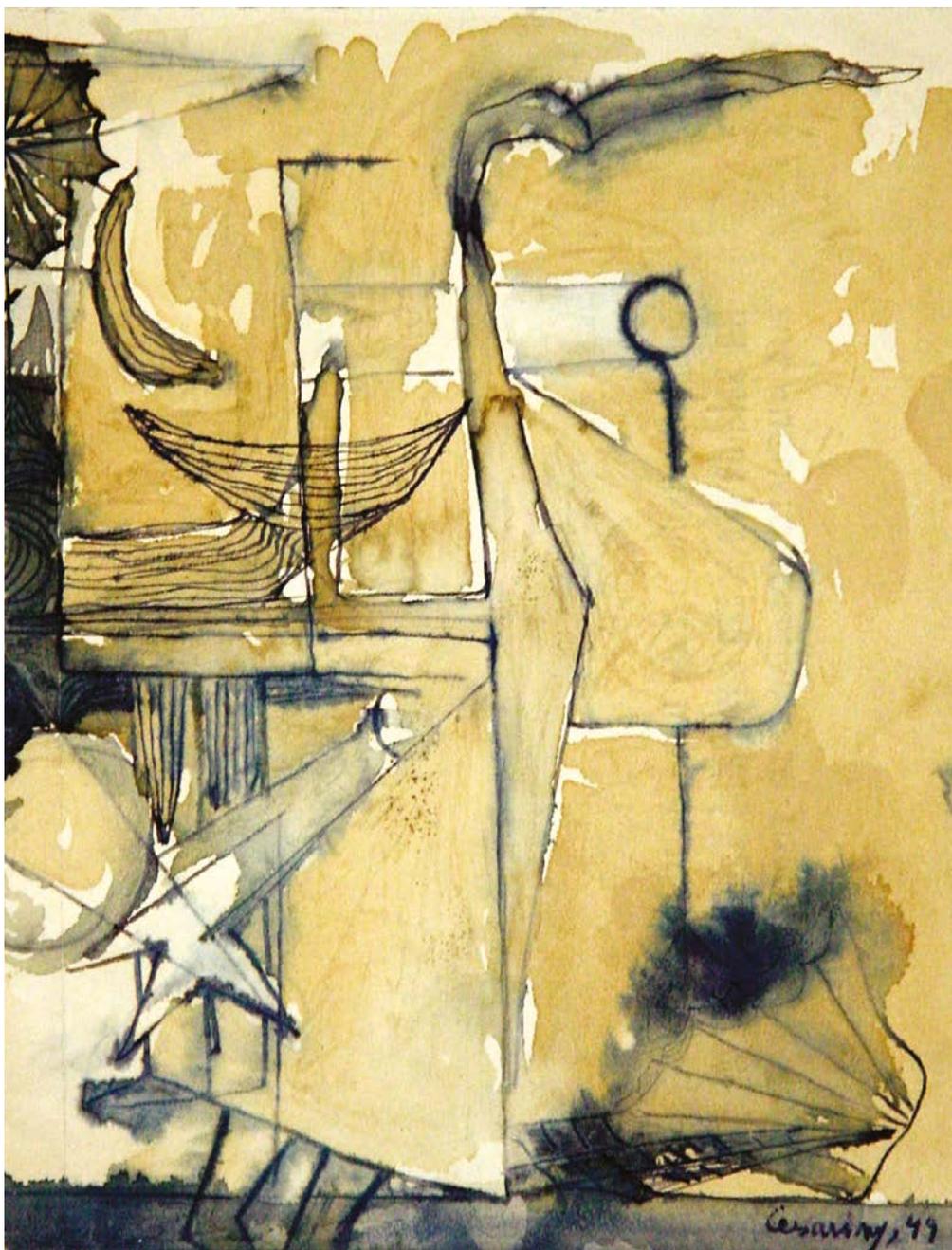
Ou, finalmente, concebe o que podemos configurar como tesouro roubado, relíquia de um santo ou sinais de um pecador: o anel e o al-



Mário Cesariny - Sem Título
Caneta de feltro sobre papel,
21,1x15,2cm, circa 1950 | CSY 075



Mário Cesariny - A Guerra Civil Espanhola
71,5x28,5cm, 1999 | CSY153



Mário Cesariny - Sem Título,
Tinta-da-China, café e aguada sobre papel, 14,5x12cm, 1959 | CSY 059

finete que, na juventude, Cesariny desenhou e realizou na oficina de ourives de seu pai e que, na idade adulta, rejeitada a profissão que a tradição familiar lhe oferecia como herança segura, montou num suporte icônico: homenagem à negação de um futuro que não quis.

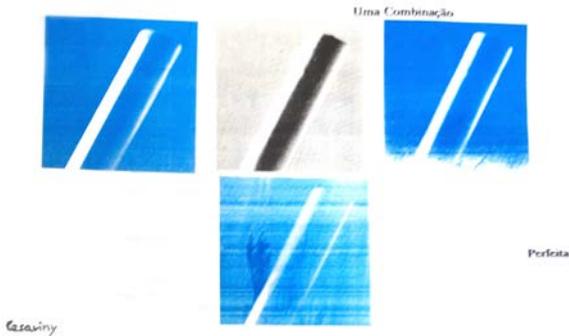
De Cesariny apresentam-se obras onde visualidade e poesia, imagem e palavra, não se separam nem se distinguem criando naquilo a que uma obra pode dar título: “uma combinação perfeita”(3). Este aproveitamento de uma prova tipográfica rejeitada (só com passagem de azul) sugere um poema visual com a simplificação quase oriental de todos os seus poemas visuais (iniciados em 1947 em Paris sob influência de Victor Brauner).

Dois casos particulares nos podem deter: um estudo para azulejos em homenagem a John Lennon, onde os textos originais se inscrevem em caracteres tipográficos (máquina de escrever) e de modo livre mas controlado na grelha dos azulejos (4); e um poema-visual “memento mori” e altar (tudo ao mesmo tempo), dedicado a António Maria Lisboa, herói também (pessoal e de uma geração inteira de surrealistas), onde o precocemente desaparecido poeta se proclama “a terceira meia-noite dos dias que começam”.

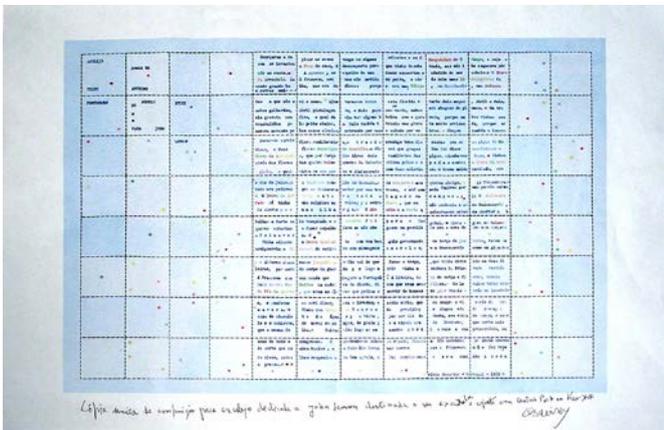
De Cesariny apresentam-se obras onde o desejo de entendimento do que se oculta nos “dias que começam” se entende como desejo de figurar visões de futuro como visões do destino nacional. Aqui se enquadra a ideia (entendida como paixão e como desmistificação da paixão) sebastiânica de uma colagem (repetindo uma outra, de 1969, onde um longo texto inserido no verso nos explica o destino português) espelhando a fachada neo-manuelina do Museu de Marinha, em Lisboa, assim transformado em “Astronave portuguesa” capaz de concorrer (num passado que é futuro) com a nave americana que acabara de pousar na superfície lunar.

O que a História havia de provar (a originalidade e precocidade da sua obra plástica, e plástica-verbal, no contexto nacional e internacional), julgo estar já definitivamente alcançado. De Cesariny apresentam-se aqui obras que nos iniciam numa intensa arte de viver ou numa intensa recordação da vida, que nos libertam de todos os sinais do medo e nos limpam, corpo e alma, para as noites que começam. Deconstruir é a sua maneira própria de construir. Percebemos assim, que qualquer pequena amostra do seu trabalho é sempre uma primeira lição de infinito, uma porta de entrada num mundo paralelo onde a liberdade é o único bem e único dever – única autoridade, diria ele.

João Lima Pinharanda | texto incluído no catálogo da exposição “Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco - e o passeio do “cadáver esquisito”, Outubro de 2006.



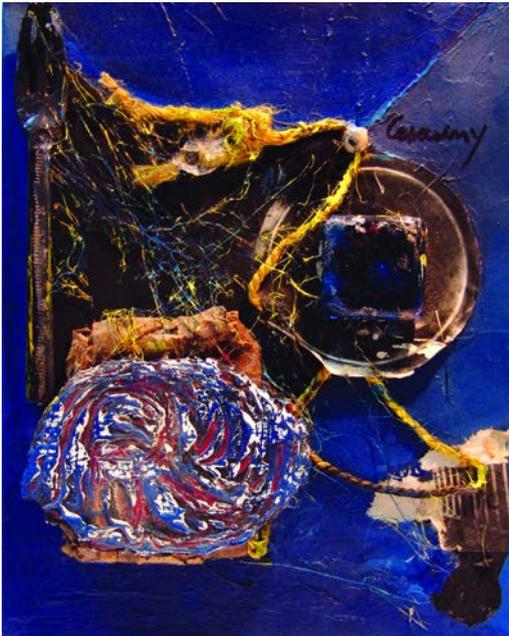
(3) Mário Cesariny
Uma Combinação Perfeita
Téc. mista s/ papel, 29x42cm, n.d. | CSY07



(4) Mário Cesariny -
Cópia única de composição para azulejo
30x50 cm, circa 1982 | CSY51



Mário Cesariny - Eu sou a terceira meia noite dos dias que começam | António M. Lisboa
Técnica mista sobre cartão, 46x3, cm, n.d. | CSY 044



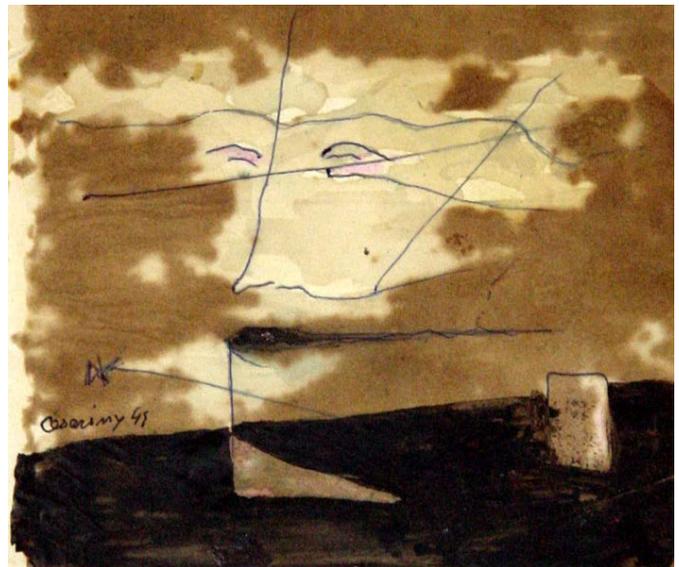
Mário Cesariny - Concreção (Capa p/ o livro "A verticalidade e a chave" de António M. Lisboa)
Técnica mista s/ madeira, 28x24cm, c. 1950 CSY56

É o som das palavras.
A liberdade dos seus silêncios.
A libertação dos gestos.
A musicalidade que nos fica, na memória de um artista "ao longo da muralha que habitamos", surdos às inexistentes cordas dos violinos, tentando ainda a vida.
Acreditando ainda teimosamente nas palavras.
Crendo e querendo um espaço de liberdade, no silêncio destas paredes que agora se erguem.
Na memória das palavras que não se disseram.
Nos silêncios que ainda queremos ouvir.
A Mário Cesariny

Carlos "Zíngaro", Lisboa, novembro 2013 | Poema incluído no catálogo da exposição inaugural da Casa da Liberdade - Mário Cesariny, "...a estrada começa...", 2013.

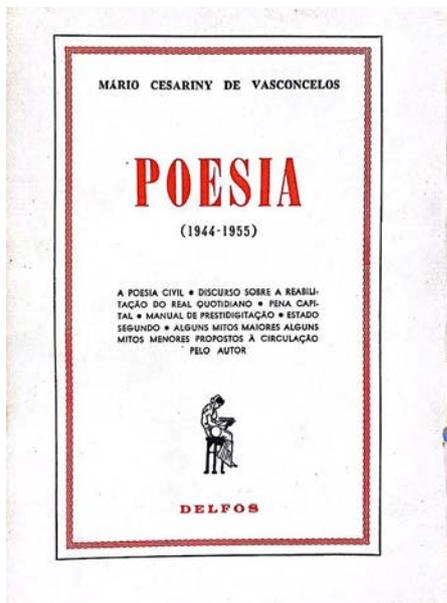


Mário Cesariny - Revê de Isabeau
Técnica mista s/ papel
53,5x19cm, n.d | CSY143

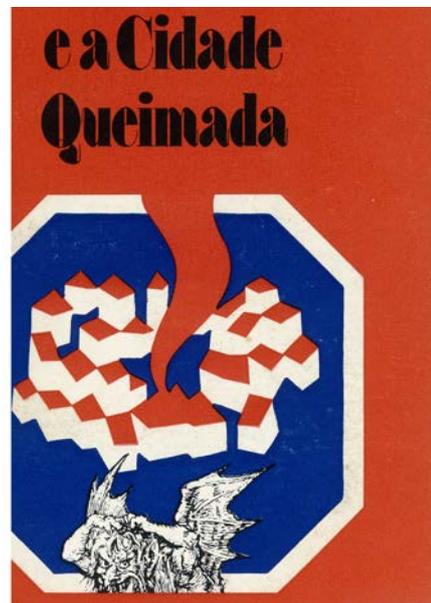


Mário Cesariny - Sem Título
Tinta-da-China e aguada s/ papel,
16,3x20,2cm, circa 1950 | CSY 070

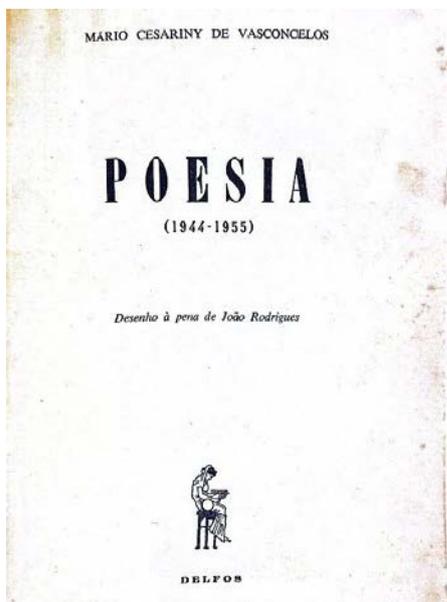
Mário Cesariny
alguns dos seus livros de poesia



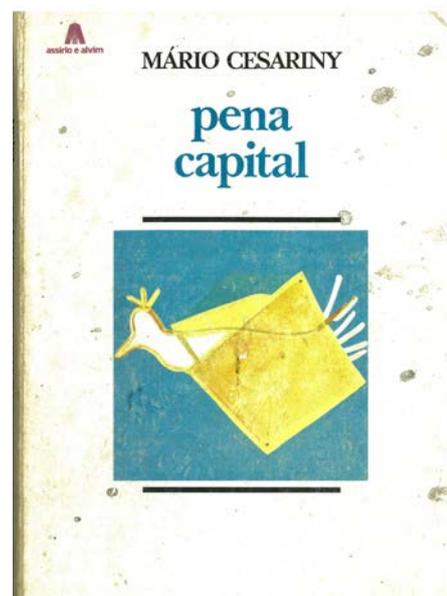
Mário Cesariny - Poesia



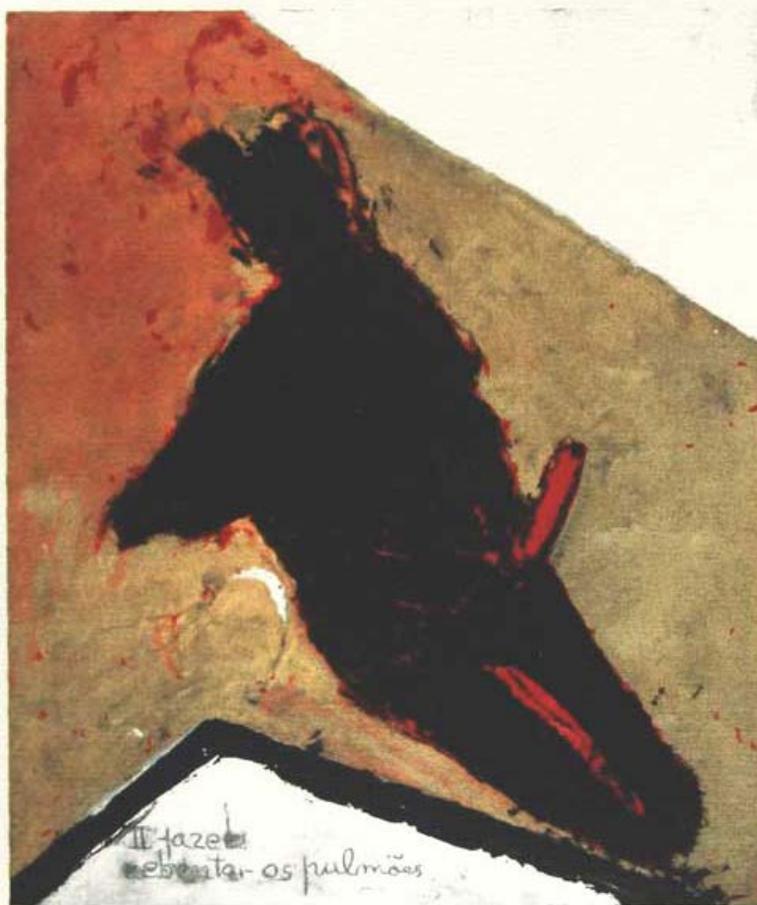
Mário Cesariny - e a Cidade Queimada



Mário Cesariny - Poesia



Mário Cesariny - pena capital



Cesariny
8

Mário Cesariny - Phase II
8ª página do livro-objecto "Timothy Mc-Veight - O condenado à morte", 34,5x 25cm, 2006 | CSY-S007

“Que afinal o que importa não é haver gente com fome porque assim como assim ainda há muita gente que come”

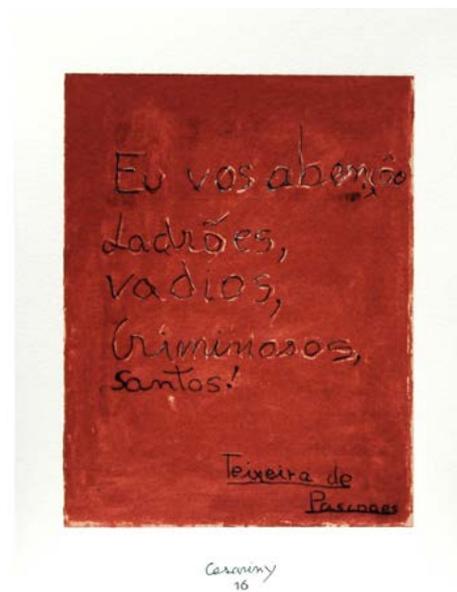
É de assinalar também (...) que no decorrer destas iniciativas de 2009, foi lançado um livro-objecto da autoria de Cruzeiro Seixas. “Proseguimos, cegos pela intensidade da luz” que, apresentado a 30 de Junho no Porto, foi também motivo de reunião no auditório do Museu Colecção Berardo, no CCB, com a presença do autor. Acompanhou esta apresentação a exibição de um conjunto de filmes realizados, nos anos 50 do século XX por Carlos Calvet, também ele membro do Anti-Grupo Surrealista português. Proseguimos, cegos pela intensidade da luz faz uma espécie de súplica do que foi e é o Surrealismo em Portugal, na óptica do autor. Este livro-objecto encerra uma trilogia dedicada ao Surrealismo que teve início com a publicação, em 2006, do livro-objecto artístico “Timothy Mc-Veigh - o condenado à morte” de autoria de Mário Cesariny.

Na entrevista ao semanário Sol, publicada pelo jornalista Vladimiro Nunes a 7 de Outubro de 2006, Cesariny explicava aquele que é um dos seus mais eloquentes gestos de reivindicação da liberdade, independentemente das circunstâncias: “Não devia ser permitida, a pena de morte. Neste caso (atentado em Oklahoma, EUA) ele matou 700 pessoas, mas a sociedade não fez mais do que juntar o assassinato de mais uma. Sou contra a pena de morte, mesmo nos casos extremos.

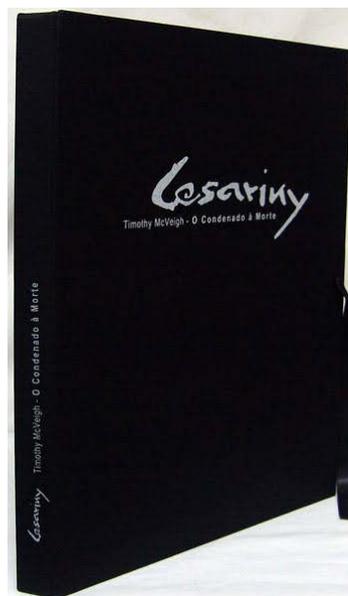
Este é um caso extremo, um tipo que mata 700 pessoas, mas depois é preciso perceber o significado da atitude dele. Porque ele é tudo menos um tonto ou um tresloucado que só sabe da sua loucura. Ele diz: ‘Não importa quão grande é o castigo. Não importa qual a porta do inferno que se abre ou não abre’. É um tipo lúcido, enlouquecido com a América do Norte.”

É inegável que, apesar de polémico, este importante livro-objecto é também, do ponto de vista artístico, filosófico e conceptual, um profundo abrir de ferida que nos coloca perante uma questão essencial: Por mais selvagem que o acto seja, devemos nós ceder à tentação de vingança, tornando-nos naquilo que condenamos?

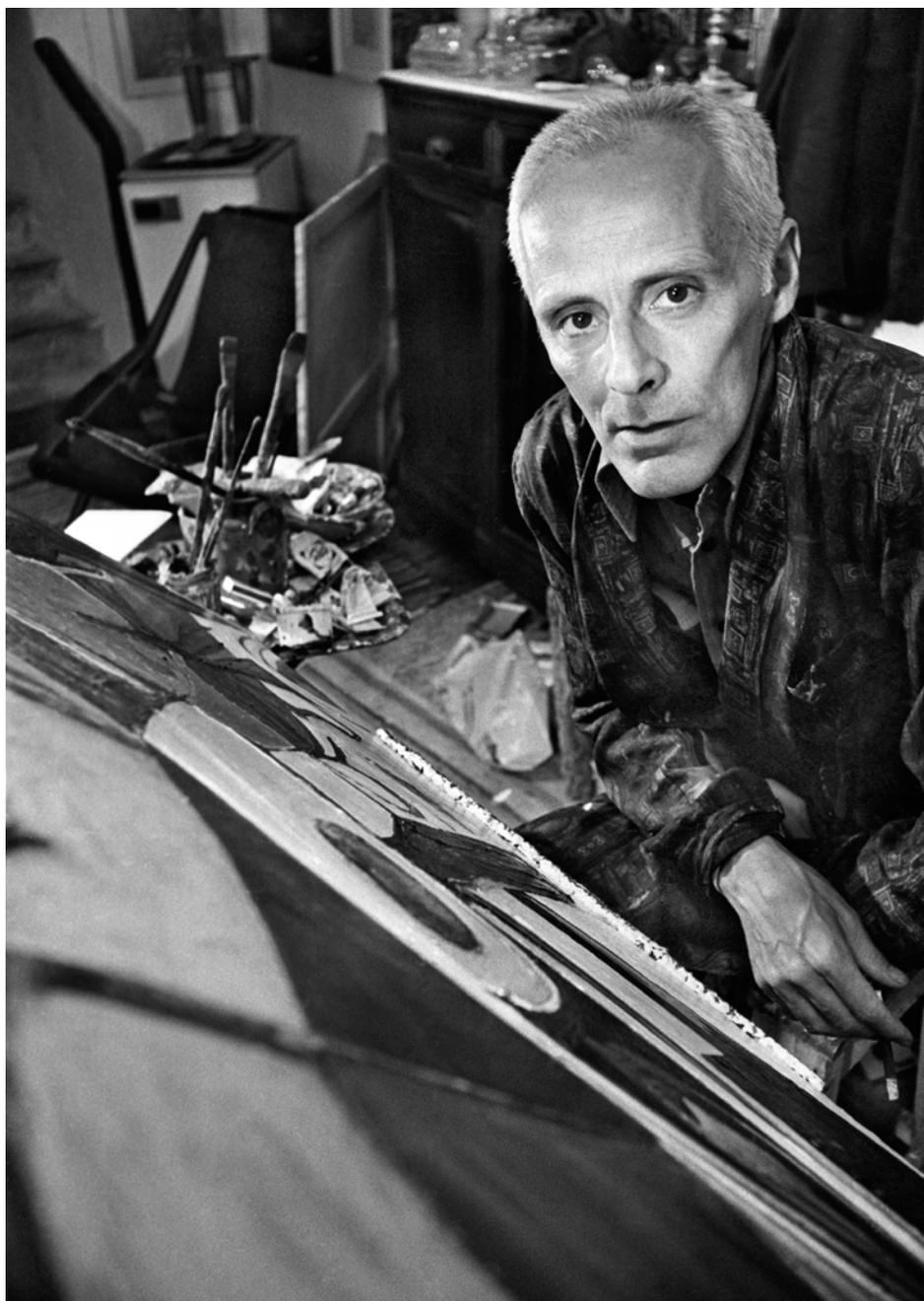
Carlos Cabral Nunes | texto incluído no catálogo especial da exposição “Evocando Mário Cesariny”, que assinalava 10 anos sobre a morte do autor e o 3º ano da Casa da Liberdade, 2016



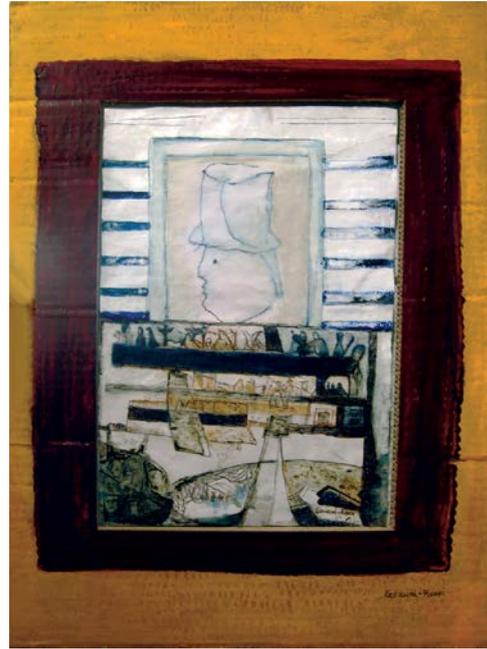
Mário Cesariny
Última página do livro-objecto
“Timothy Mc-Veigh - O condenado à morte”
34,5x 25cm, 2006 | CSY S001



Mário Cesariny
Livro-objecto artístico **“Timothy Mc-Veigh - O condenado à morte”**, 16 Páginas em serigrafia sobre papel fabriano de 350g. Edição de 300 exemplares numerados e assinados pelo autor
36cmx26cmx1,5cm, 2006 | CSY S001



Mário Cesariny, fotografado por Eduardo Tomé em 1975.



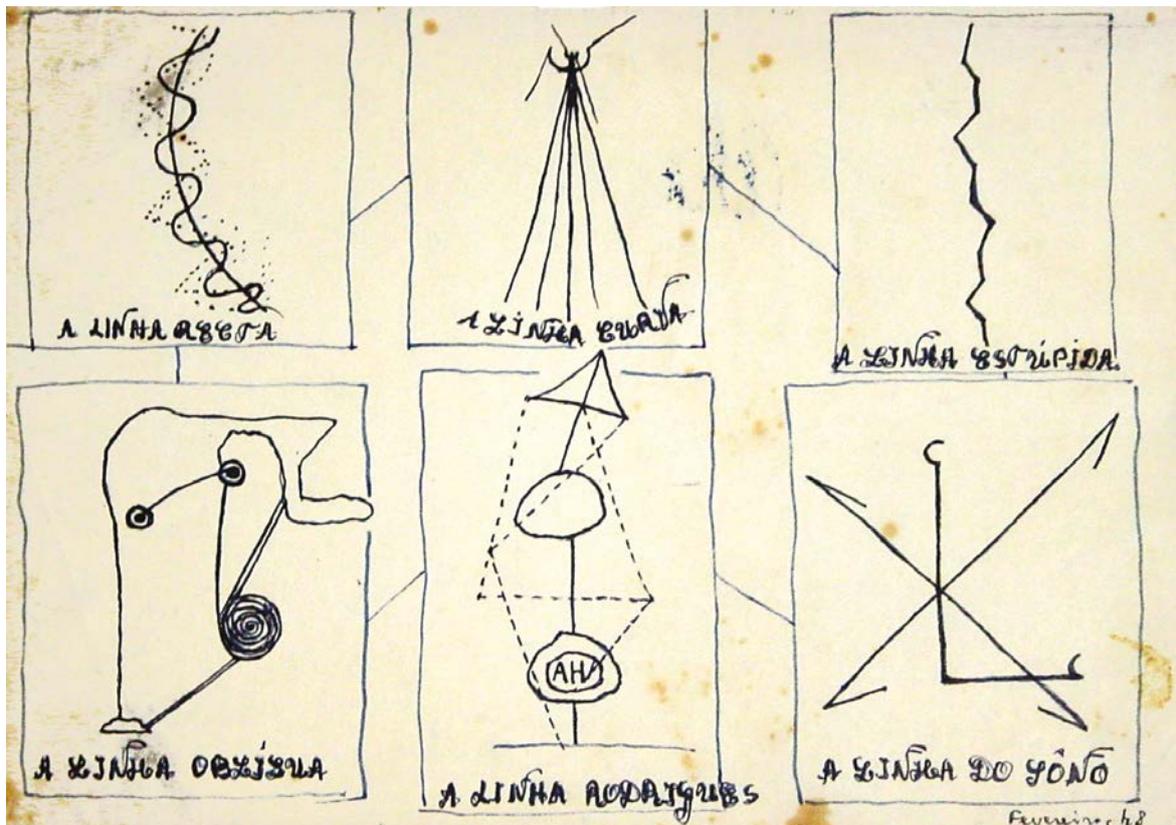
Mário Cesariny - Londres - Ucrânia (pintado no verso) Técnica mista sobre papel, 46x32 cm, n.d. CSY034zz



Mário Cesariny, Sem Título
Tinta de escrever aguada e lápis de cor sobre papel, 13x17cm, 1948, CSY 067



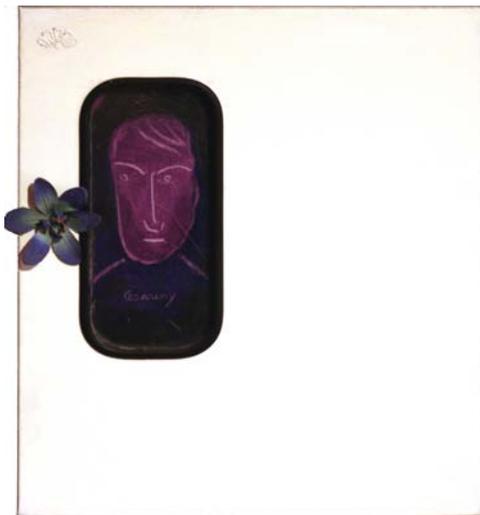
Mário Cesariny - Sem Título,
Tinta de escrever e tinta-da-china s/papel,
15,4x21,1cm, 1948 | CSY 074



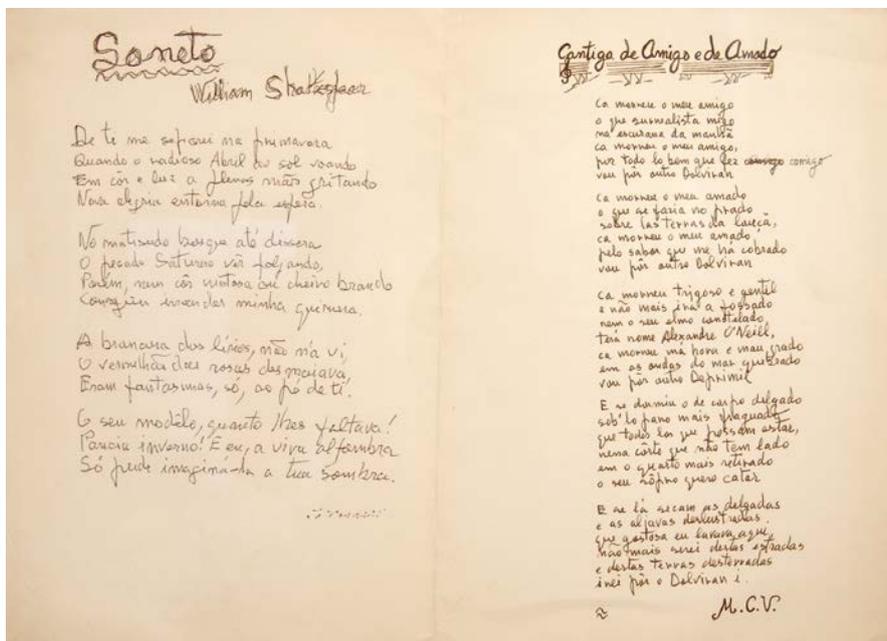
Mário Cesariny - Sem Título
Tinta de escrever e tinta-da-china sobre papel, 15,4x21,1cm,
1948 | CSY 074



Mário Cesariny - Sem título
Técnica mista sobre papel, 21x14,5cm, n.d. | CSY 142



Mário Cesariny - Le roi se meure
Técnica mista sobre metal (pintada também no verso), 41x36x1cm, 2004 | CSY 013



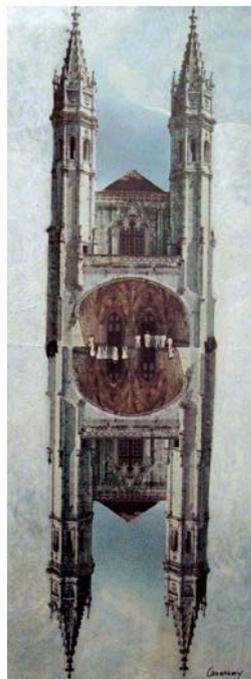
Mário Cesariny - Soneto de William Shakespeare | Cantiga de amigo e amado,
Caneta s/Papel, 34x50cm c. 1986/87 | CSY116 | CSY100



Mário Cesariny - Sem título, Técnica mista sobre madeira, 15x42 cm, 1969 | CSY 138

A LIBERDADE DE MÁRIO CESARINY

A liberdade de Mário Cesariny é a liberdade daquele que cria.
A liberdade de Mário Cesariny é a liberdade do criador.
A liberdade de Mário Cesariny é a de quem sem hesitações deu vida.
A liberdade de Mário Cesariny é a liberdade de quem se liberta.
A liberdade de Mário Cesariny não precisa de libertador



Mário Cesariny - Astronave Portuguesa do Séc. XVI
Colagem e gouache, 29x9,5cm , n.d.
CSY 096

António Cândido Franco, 31 de outubro de 2013 | Poema incluído no catálogo da exposição inaugural da Casa da Liberdade - Mário Cesariny, "...a estrada começa...", 2013



Mário Cesariny - O dinheiro roubado
Caneta de feltro s/ Papel,
15,7x21cm, 1950 | CSY61



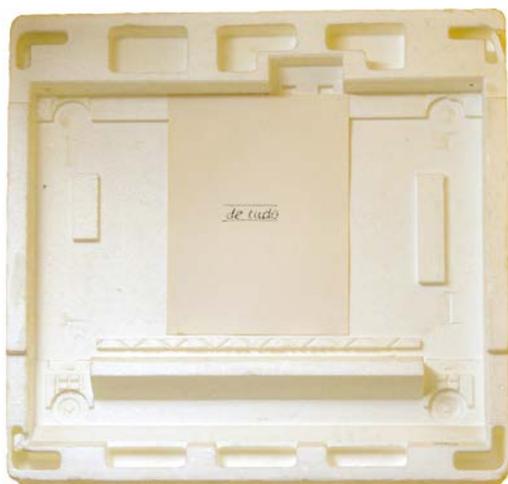
Mário Cesariny - Sem título,
Aquarela sobre Papel 21x14,5cm, 1996 | CSY 135



Mário Cesariny - Sem título
Poema-Objecto - Assemblage
39x15x15cm, n.d | CSY 105



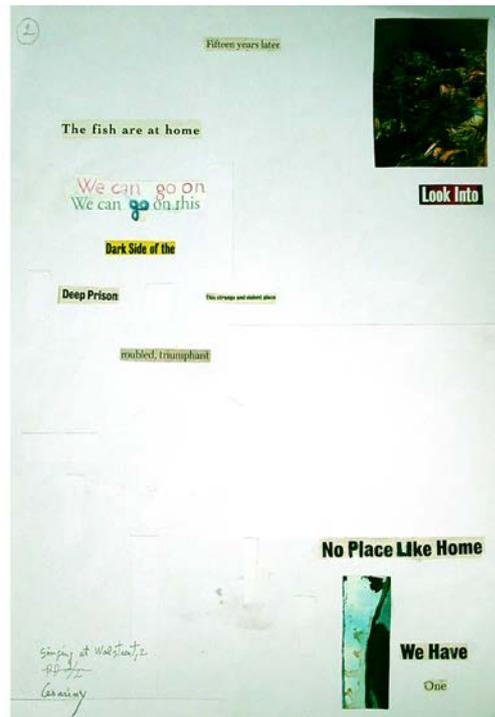
Mário Cesariny - Sem Título
Óleo sobre prato de cerâmica, Diam. 25cm,
2000 | CSY 021



Mário Cesariny - Tudo
Escultura-objecto - Técnica mista
65,5x65,5cm, n.d. | CSY 084



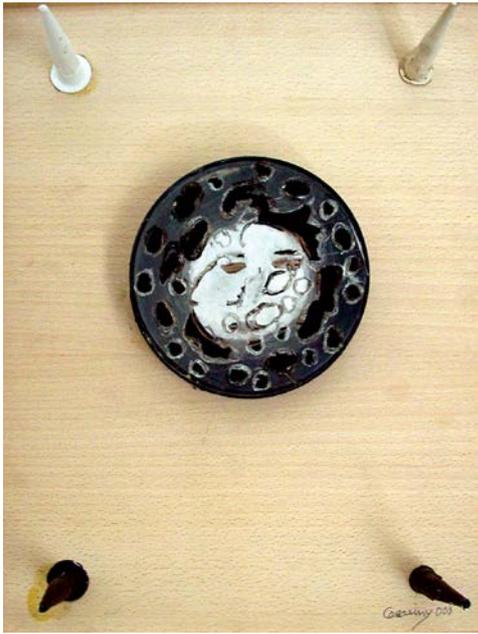
Mário Cesariny, Memória para José Escada,
Técnica mista sobre tela,
34x25x7cm, 1999 | CSY 015



Mário Cesariny - The first signs of fear
 Díptico com colagem s/ papel
 100x60cm, n.d. | CSY050



Mário Cesariny - Limpam Veneza
 Díptico com colagem s/ papel
 100x60cm, n.d. | CSY049



Mário Cesariny - The mirror
Mista sobre madeira
30x50cm, 2001 | CSY 003



Mário Cesariny - Retrato de Manuel de Lima
Técnica mista sobre latex.
32x22x2cm, 1999 | CSY 022



Mário Cesariny - Sem Título
Tinta-da-China e aguada sobre papel.
31,5x22cm, 1947 | CSY064



Mário Cesariny - O tudo
Técnica mista s/ papel, 30x15cm, 2001
CSY 053



Mário Cesariny - Sem título
Poema-Objecto - Assemblage
26x10x12cm, n.d. | CSY107



Mário Cesariny - Sem título
Escultura-objeto
28x11x11cm, n.d. | CSY108



Mário Cesariny - Sem título
Poema-Objecto - Assemblage
26x10x12cm, n.d. | CSY107



Mário Cesariny - Monumento de homenagem à Marinha
Escultura-objeto
25x17x18cm, 2004 | CSY93



Mário Cesariny - Sem Título
Escultura-objeto | Jóias executadas pelo autor | 40x25cm, 1942 | 1998 | CSY 094



Mário Cesariny - Nuestro señor del grande poder torero
Poema-Objecto - Assemblage
31x21x10 cm, n.d. | CSY103



Fernando Pessoa ocultista

Escultura original em gesso pintado
(Executada por Isabel Meyrelles sob
desenho original de Mário Cesariny.
Pintado pelo autor)
60x31x31cm, n.d. | CSY 104

*Obra emprestada para a exposição "Castelo
Surrealista de Mário Cesariny" no maat em Lisboa*

**Mário Cesariny
Lancelot du Lac**

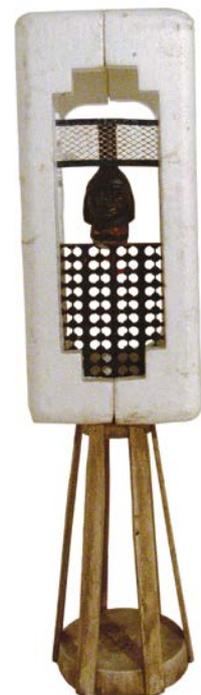
Poema-Objecto , Assemblage
60x31x31cm, n.d. | CSY 104

*Obra emprestada para a exposição "Castelo
Surrealista de Mário Cesariny" no maat em Lisboa*



**Mário Cesariny
Lancelot du Lac**

Poema-Objecto
Assemblage
60x31x31cm, n.d. | CSY 104



**Mário Cesariny
Sem Titulo**

Escultura-Objecto
60x15x8 cm, n.d. | CSY102



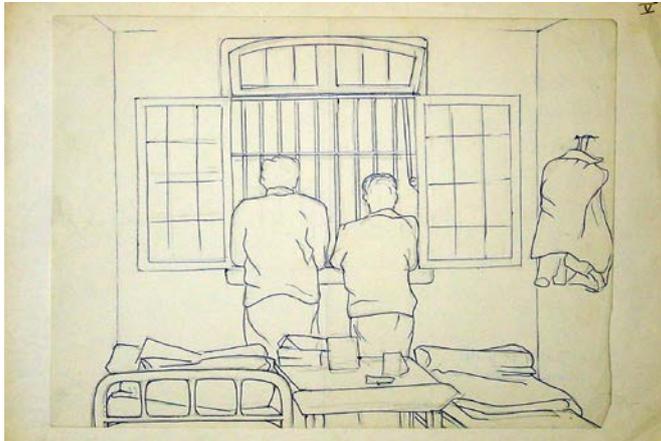
Mário Cesariny - Sem título
Óleo s/ almofada de tecido, 40x60cm,
1982 CSY 029



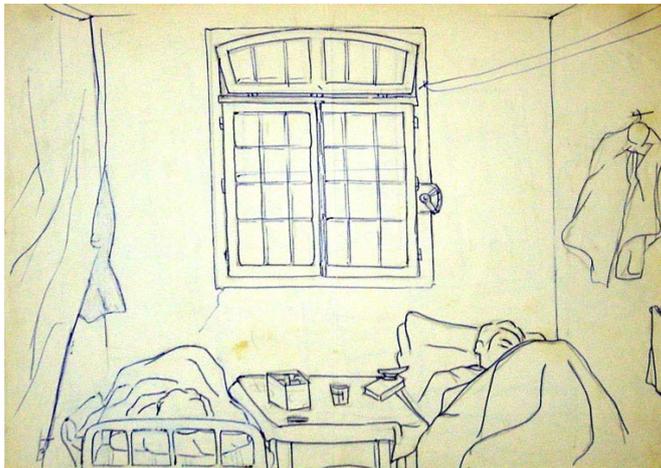
Mário Cesariny - Homenagem a Franz Marc
Óleo s/ almofada de tecido, 40x60cm, 1982
CSY 032



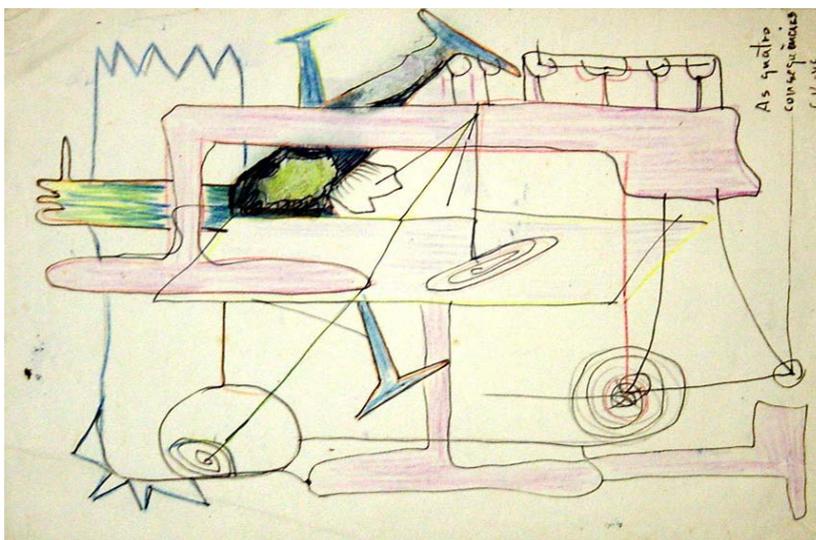
Mário Cesariny - Autografia
Técnica mista sobre tela
30,5x32,5cm, 51x60 cm | CSY100



Mário Cesariny - Sem Título
Técnica Mista s/Papel
21x 26,9cm, 1964 | CSY 072



Mário Cesariny - Tin-tin e Gazelle
Técnica Mista s/Papel
21x 26,9cm, 1964 | CSY 071



Mário Cesariny - As quatro consequências
Técnica Mista s/Papel,
18,8 x22 cm, 1949 | CSY77

ALEGORIA DO MUNDO NA PASSAGEM DE ARNALDO DE VILANOVA

para a Isabel

Ouro trigo leão e prata e crina
te esperam sob o vaso menstrual
Separados próximos a água e a mina
porque a **AGUA** não é um mineral

No cônjugo te espera aneia fina
e sob a aneia planta sideral
que ao manto do Pei Verde se combina
porque a **PLANTA** não é um vegetal

Do homem cabe o Ouro de buscá-lo
E a sua cria monta ou imortal
tirá-la-ás do Ventre de Cavalo
porque o **ANIMAL** não é um animal

E se o espelho de cobre te fascina
se te aparece o Monstro do Umbel
que a ignea terra o atro abismo ensina
e nas farras afunda o Bem e o Mal

Recolhe expurga fende e ilumina
e com espada de fogo talha e inclina
porque o **FOGO** não é o seu sinal

30 abril 1971

O M O P O E O B E S S O P O S N S
A B ↓
P B ↓
mário cesariny

Mário Cesariny - Alegoria do Mundo na passagem de Arnaldo Vila Nova
Caneta s/Papel, 42x30cm, 1971 | CSY146

12, AVENUE PAUL LANGEVIN
92260 FONTENAY-AUX-ROSES

France

le 31 Octobre 1982

à Monsieur Mario Cesariny
6 rue Basilio Teles
1000 Lisbonne
Portugal

Cher Maître,

Je me permets de vous écrire à l'instigation de Monsieur Guy Weelen, à qui j'ai demandé conseil pour me guider dans le choix d'un grand écrivain qui pourrait représenter le Portugal dans un livre dont je m'occupe depuis quelques mois. Madame Vieira da Silva a la gentillesse d'autoriser la reproduction de "Jardin d'Azulejos", et, ce serait un bien jolie page pour votre pays de publier ensemble un poème. Avant de solliciter votre collaboration, je me dois de résumer le projet de Strawberryfields dans son intégralité car cet ouvrage est en étroite corrélation avec ce projet.

La Ville de New-York a, par décret municipal du 16 Avril 1981, donné le nom de Strawberryfields en mémoire de John Lennon à un flot d'une superficie de trois acres, situé dans Central Park à la hauteur de la 72ème rue Ouest, face au Dakota où il vécut pendant dix ans. Après cet hommage posthume rendu par la Ville, Yoko Ono a pensé que ce serait plus dans l'esprit de son mari de permettre à tous les pays qui le désirent de participer à la création de ce jardin par une donation tout à fait symbolique. Prenant en charge elle-même tous les travaux de plantations et d'aménagement afin que ce ne soit nullement une charge pour les pays.

L'idée de faire pousser ensemble des arbres venus de tous les horizons a suscité un grand enthousiasme car nous avons maintenant cinquante pays qui ont officiellement décidé de participer et d'autres encore s'ajouteront dans les mois à venir. Le Portugal va régler l'allée centrale avec les petits cailloux et enverra pour se faire des spécialistes, l'actuel asphalte disparaîtra. Chacun collabore à sa manière, la Bulgarie

II

avec des rosiers, la Turquie avec des tulipes, la France avec une fontaine et l'Inde avec un arbre venu de l'Himalaya, pour ne citer que quelques exemples.

La fondation John Lennon, la Spirit Foundation va faire publier un livre avec toutes les nations participantes, par ordre alphabétique, dans lequel une ou deux pages seront consacrées à chaque pays et confiées à un grand artiste du monde des Arts ou des Lettres. Cet ouvrage a pour but de faire connaître tous les pays qui si gentiment collaborent à ce projet par un de leurs grands artistes au grand public. Ce sera un livre de luxe et pour en sauvegarder tout l'intérêt les textes ou œuvres graphiques doivent être inédits. Tous les bénéfices de la vente de cet ouvrage serviront à développer des échanges culturels entre la fondation et les nations participantes. Pour cette raison nous demandons aux artistes qui gentiment prêteront leur concours d'abandonner leurs droits d'auteur en faveur de la fondation.

La préparation de ce livre est assez longue mais déjà quelques artistes ont répondu favorablement, Jorge Amado a écrit deux très jolies pages sur le Brésil, Léopold Senghor sur le Sénégal deux très intéressantes pages informatives. Victor Vasarely va faire l'emblème de Strawberryfields. Il y aura le "Jardin d'Azulejos" et ce serait merveilleux si vous acceptiez de faire un texte ou un poème qui pourrait être d'une page qui représenteront ensemble le Portugal. Un sujet de votre choix, mais qui ait un lien avec votre pays ou même avec si vous le voulez avec cet extraordinaire jardin de Madame Vieira da Silva.

En vous remerciant à l'avance pour l'attention que vous voudrez bien porter à ce projet et en espérant recevoir une réponse favorable à ma demande, veuillez agréer, cher Maître, l'expression de ma considération distinguée.

Anne Filali

Anne Filali

C/o Georges GOLDFRAN
91 Avenue d'Italie
PARIS XIII^e, France

Dear Mario Cesariny,
Louis Voinovitch said he would write to you regarding Deno's and my hope to come to Lisbon to meet with you and other Portuguese surrealist comrades. We will be in Europe for approximately three more weeks; this approaching week we are intending to go to Amsterdam for several days, following which we shall return to Paris for a week or so: the plane returning to Chicago departs from Lisbon.

I have learned from Voinovitch (and also from the brief section in the *Voyage* issue of Jean-Louis Debrun) something of the character of surrealism in Portugal, and we would like very much to meet you and discuss various ideas on the present situation of surrealism, hoping thereby to assist in the necessary creation of an effective international cohesion of surrealist activity. [We have, of course, visited many friends here in Paris, and immediately before arriving have met with Conway Malloy in London.] However, neither Deno nor I speak Portuguese, and converse very poorly in French; and we are wondering whether you or a friend might perhaps speak English, or would it be possible to secure a translator?

Please write to me at the above address and let us know if it will be possible to see you, and if you can speak English or, strange, Spanish, for a translator.

With warmest greetings of solidarity,
Franklin Rosemont

Quando Isabel
Encontrei hoje enfim a
tua morada entre uns
jardins. Mas tenho a
tua casa mesmo, porque
mas me foi dada por ti,
alguém já tem visto a
tua. Remetido: este
sem a tua morada pas-
sima e um a certeza
de que esta carta nunca
receberas.

A carta que me escreveste
ultimamente também
meu querido a tua,
dizendo dai: já é
azah.

Envio-te inúmeras esta honra Torre da Água que
teima em existir em Chicago. De mal o menos
pague a esta Torre, as invés do que para no
postal, é fenomenal, e a carta algo mais
que o buler das malvas. Tantas fotografias.

Paris, do que me perguntas, cores fofas que
quase não mecasitas resposta. Sem o teu, as
mesmas, o de sempre, ali! E já a tua palavra
de saber se recebeste estas lindas, para
o poder falar meus amigos, *Mil Abraços*
Miranda

Gold. 14, 1982.

“... e os seus contemporâneos”

PT |

Na Perve Galeria são destacadas as profícuas relações estabelecidas entre Mário Cesariny “... e os seus contemporâneos” de várias décadas, apresentando perto de duzentas obras de artistas nacionais e internacionais, muito deles tendo coincidido com o autor nas múltiplas exposições em que participou entre 2000 e 2006. Mediante a apresentação de correspondência, fotografias e obras visuais sublinha-se, entre outros aspetos, as colaborações de Cesariny com surrealistas portugueses e internacionais, e a sua relação crítica, assertiva, com alguma da tradição nacional.

No âmbito da exposição será exposto pela primeira vez um núcleo de obras e documentação das décadas de 1940 e 1950, proveniente do recém-doado espólio de João Artur da Silva (1928, Cascais), membro fundador de “Os Surrealistas” que, aos 94 anos, se mantém ativo e a viver no Canadá desde 1991. Este conheceu Mário Cesariny, Artur do Cruzeiro Seixas e demais companheiros de aventura surrealista no final da década de 1940, apresentando a sua obra na primeira exposição do anti-grupo, em 1949, na antiga sala de projeções da Pathé Baby, em Lisboa, tendo com estes continuado a expor até 1953.

A par deste importante espólio, mediante a curadoria de Carlos Cabral Nunes, destaca-se, num dos núcleos, a obra gráfica de Cesariny, Maria Helena Vieira da Silva, Arpad Szenes, Picasso ou Man Ray, apontando também para as ligações com o Grupo Surrealista de Paris, mediante a apresentação de fotografias de André Breton, líder do movimento, assinadas por Henri Cartier-Bresson, o retrato de Almada Negreiros realizado por José Francisco Aranda, biógrafo de Luís Buñuel, dedicado a Mário Cesariny, entre outras revelações. Noutra secção sublinham-se as relações estabelecidas entre os surrealistas portugueses, com a exposição do tríptico “O desejo totémico, Les chantes de Maldonar, Sonho Doente” realizado por Pedro Oom sobre as folhas-catálogo da exposição de 1949, ou obras colaborativas realizadas sobretudo em processo de Cadavre Exquis por Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco, David Evans, entre outros.

Noutra secção evidenciam-se as ligações estabelecidas entre a obra do mestre surrealista com obras de referência de artistas africanos oriundos dos países de língua portuguesa, algumas delas de grande escala e nunca antes apresentadas, como as recém-realizadas pela mestre moçambicana Reinata Sadimba (1945, Moçambique), ou obras de Ernesto Shikhani (1934-2010, Moçambique), Inácio Matsinhe (1945, Moçambique), Malangatana Ngwenya (1936-2011, Moçambique), Manuel Figueira (1938, Cabo Verde), Teresa Roza d'Oliveira (1945, Moçambique), entre outros. Destaca-se ainda a relação com artistas latino-americanos, como Alberto Cedrón (1937-2007, Argentina), Wifredo Lam (1902-1982, Cuba), ou Paulo Bruscky (1949, Brasil), pela exposição do “Poema Linguístico”, realizado na Bienal de Veneza em 2017 e posteriormente doado à Casa da Liberdade, no qual o artista utiliza a própria língua como elemento pictórico.

Neste contexto, são também apresentadas obras que homenageiam Mário Cesariny, realizadas ao longo das últimas décadas por vários artistas que as legaram para integração na Coleção Lusofonias, fundada em 1998 pelo Colectivo Multimédia Perve e continuada pela Perve Galeria, dedicada à arte moderna e contemporânea dos países de língua portuguesa, que visa produzir interações e fundir o fosso entre África, Médio Oriente, América do Sul e Ásia.

Através das duas exposições, afirma-se a proposta permanente de revolução poética, plástica e social de Cesariny, cujos ecos ainda hoje se encontram em muitas das manifestações artísticas e sociais contemporâneas, provando assim a perenidade do seu legado.



Mário Cesariny e Cabral Nunes - Homenagem a William Blake | Obra Colaborativa
Técnica mista, 30x10cm, 2006 | CSY119



78.3/15

Euclides

Eurico Gonçalves - A cadela violeta ou a violenta cadela? - Mário Cesariny, 2012
Serigrafia, 24x18, 1996 | EU69

“... e os seus contemporâneos”

ENG |

“...e os seus contemporâneos”, on show at Perve Galeria, highlights the fruitful relationships established between Mário Cesariny and his contemporaries over several decades, presenting nearly two hundred works by national and international artists, many of whom coincided with the author in the multiple exhibitions in which he participated at Perve Galeria, between 2000 and 2006. Through the presentation of correspondence, photographs and visual artworks, the exhibition emphasizes, among other aspects, Cesariny’s collaborations with Portuguese and international surrealists, and his critical, assertive relationship with some of the national tradition.

As part of the exhibition, a group of works and documentation from the 1940s and 1950s will be exhibited for the first time, from the recently donated estate of João Artur da Silva (1928, Cascais), a founding member of “Os Surrealistas” who, at the age of 94, has been active and living in Canada since 1991. He met Mário Cesariny, Artur do Cruzeiro Seixas and other companions in the Surrealist adventure at the end of the 1940s, presenting his work at the first exhibition of the anti-group in 1949, in the old projection room of Pathé Baby, in Lisbon, and continued to exhibit with them until 1953.

Alongside this important estate, one of the exhibition sections highlights the graphic work of Cesariny, Maria Helena Vieira da Silva, Arpad Szenes, Picasso and Man Ray, also pointing to the links with the Surrealist Group of Paris, through the presentation of photographs of André Breton, leader of the movement, signed by Henri Cartier-Bresson, the portrait of Almada Negreiros by José Francisco Aranda, biographer of Luís Buñuel, dedicated to Mário Cesariny, among other revelations. In another section, the relations established between the Portuguese Surrealists are highlighted, with the exhibition of the triptych “O desejo totémico, Les chantes de Maldonar, Sonho Doente” made by Pedro Oom on the catalogue sheets of the 1949 exhibition, or collaborative works made mainly in the process of Cadavre Exquis by Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco, David Evans, among others.

Another section highlights the links established between the work of the surrealist master with reference works by African artists from Portuguese-speaking countries, some of them large-scale and never before presented, such as those recently made by Mozambican master Reinata Sadimba (1945, Mozambique), or artworks made by Ernesto Shikhani (1934-2010, Mozambique), Inácio Matsinhe (1945, Mozambique), Malangatana Ngwenya (1936-2011, Mozambique), Manuel Figueira (1938, Cape Verde), Teresa Roza d’Oliveira (1945, Mozambique), among others. Also noteworthy is the relationship with Latin American artists, such as Alberto Cedrón (1937-2007, Argentina), Wifredo Lam (1902-1982, Cuba), or Paulo Bruscky (1949, Brazil), by showing his “Linguistic Poem”, performed at the Venice Biennale in 2017 and later donated to Casa da Liberdade, in which the artist uses his tongue as a pictorial element.

In this context, artworks that pay homage to Mário Cesariny, created over the last few decades by several artists who bequeathed them to be included in the Lusophonies Collection, are also presented. This collection was founded in 1998 by Colectivo Multimédia Perve and continued by Perve Galeria, and it is dedicated to modern and contemporary art from Portuguese-speaking countries, aiming to produce interactions and merge the gap between Africa, Middle East, South America and Asia. Throughout the two exhibitions, curated by Carlos Cabral Nunes, it is affirmed Cesariny’s permanent proposal of poetic, plastic and social revolution, whose echoes are still found today in many contemporary artistic and social manifestations, thus proving the perennality of his legacy.

*“Que afinal o que importa é pôr ao alto a gola do peludo
à saída da pastelaria,
e lá fora – ah, lá fora! – rir de tudo”*

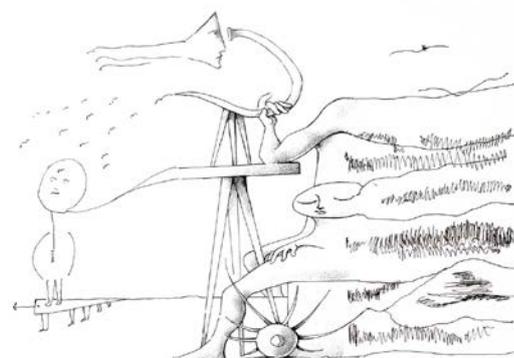
Cabe-me agora fazer a devida homenagem aos três artistas que em 2006 participaram no importantíssimo acontecimento que foi a exposição “Cesariny, Cruzeiro Seixas e Fernando José Francisco – e o passeio do cadáver esquisito”, que reuniu obras originais, realizadas entre 1941 e 2006, momento em que os três artistas realizaram 12 Cadavres Exquis recorrendo ao consagrado processo típico do Grupo Surrealista de Paris, liderado por André Breton.

Esta exposição marcou o reencontro entre os três artistas, após 55 anos de afastamento, o que também permite exibir a singularidade vital da sua criatividade e do sentido artístico que permaneceu nos três. Nesta ocasião provou-se que a “Revolução Surrealista” proposta pelo autor dos Manifestos do Surrealismo em 1924 continua a ser uma pedra de toque fundamental dos artistas que, em Portugal, abraçaram o Surrealismo desde a década de 40, permanecendo num esforço de resistência que sobreviveu a todos os diferentes movimentos de interesses, antes e depois da Revolução, que procuraram silenciar a necessidade de expressão, subconsciente em estado puro num processo de automatismo psíquico (e emocional) que é, afinal, uma proposta de revolução permanente, libertadora, atenta a todos os ideais pacifistas, enquadrada nas mais legítimas aspirações do indivíduo, especialmente quando confrontado com a ditadura da pseudo-vontade das massas.

A ideia de fazer uma exposição que reunisse os três fundadores de “Os Surrealistas” surgiu, mal comparando, como a maçã a Isaac Newton. Eles, Cesariny e Cruzeiro Seixas, haviam dito inúmeras vezes, cada um à sua maneira, que “de entre todos nós, o Fernando José Francisco, era o melhor”, o que mais prometia vir a ser um grande artista mas que “para casar, teve de largar a pintura e arranjar um emprego a sério” e desapareceu. Não mais se reuniram. Tanto Cruzeiro Seixas como Cesariny, que tanto discordam acerca de tudo ou quase, diziam exactamente a mesma coisa: “O Fernando era o melhor”.

Decidi procurar saber mais e, se possível, conhecer pessoalmente Fernando José Francisco. Não foi nada fácil mas valeu a dificuldade pois o primeiro quadro que vi em casa dele (“Ecce Homo”) confirmou a suspeita de haver pintura séria, feita de verdade e surrealismo. Comecei por perguntar-lhe se queria fazer uma exposição. Disse-me: não. Voltei, passados dias, tornando a insistir. Não, que estava velho e doente, ouvia mal, via pior e sofria de asma crónica (desde sempre). E eu a fazer-lhe ver que era importante sair da concha. Não.

E daí a tempos: sim - quando lhe falei do projecto a três. Olhos iluminados, quando diz “com os meus amigos, gostava”. Isto, claro, só possível por primeiramente haver falado com os amigos dele e meus. Que me deram um sim munido de avisos de obra difícil: “o Fernando talvez não tenha voltado a pegar nas tintas e não haja nada” ou “talvez ele não queira voltar a expor”. Mas, se ele quisesse, “seria maravilhoso” (C. Seixas) e “única razão para voltar à pintura” (Cesariny). Ficou estabelecido. Iria haver exposição. Só tinha de tratar do resto.



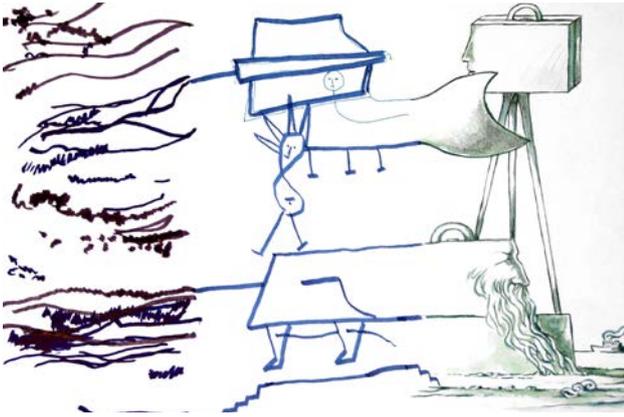
Cesariny | Cruzeiro Seixas | Fernando José Francisco
Cadavre Exquis, Técnica mista s/ papel 31,5x41cm, 2006
CESQ_C1



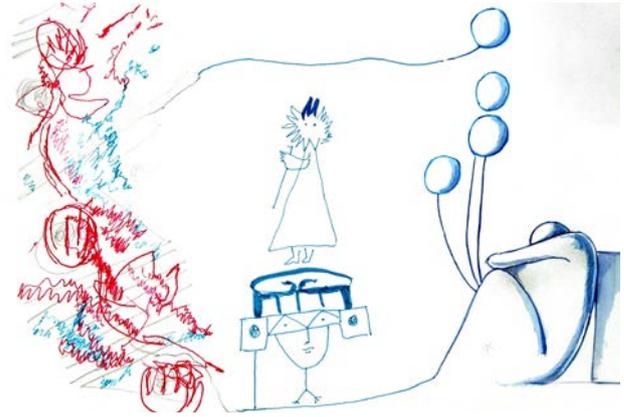
Mário Cesariny, Fernando José Francisco, Cruzeiro Seixas - Sem Título
Cadavre Exquis, Técnica mista s/papel,
25,5x35,5cm, 2006 | CESQ_CS3

Entretanto veio a ideia de celebrar o reencontro com “cadáveres esquisitos”. Como não se sentiam com energia para encontros (custa tudo, desde o andar ao falar), poderia haver trabalho de grupo sem o grupo se reunir. Eu faria de estafeta e trataria de levar os cadáveres a passear (Verão, praia) à Costa da Caparica, ao encontro com Cesariny. Lá ficaram, à espera do toque afectuoso.

Depois de completada a parte de um, logo tratava de a tapar, deixando apenas visíveis as pontas das linhas que outro se encarregaria de continuar. Entretanto, havia sido combinado que cada um iniciaria o mesmo número de cadáveres e, volta e meia, o número aumentava. Chegou aos doze e são magníficos.



Cesariny | Cruzeiro Seixas | Fernando José Francisco
Cadavre Exquis. Técnica mista s/ papel 31,5x41cm, 2006 | CESQ_C2



Cesariny | Cruzeiro Seixas | Fernando José Francisco
Cadavre Exquis. Técnica mista s/ papel 31,5x41cm, 2006 | CESQ_C4



Cesariny | Cruzeiro Seixas | Fernando José Francisco
Cadavre Exquis. Técnica mista s/ papel, 25,5x35,5cm, 2006 | CESQ_CS2



Cesariny | Cruzeiro Seixas | Fernando José Francisco
Cadavre Exquis. Técnica mista s/ papel 25x35,5cm , 2006
 CESQ_F3

*“Afinal o que importa não é ser novo e galante
- ele há tanta maneira de compor uma estante”*

Em 29 de Julho 2009, numa entrevista a “As Artes entre as Letras”, respondia do seguinte modo a uma pergunta relacionada com a importância das artes plásticas no Surrealismo: “Pode dizer-se, sem exagero, que é uma proposta de revolução poética e plástica, mas também social, cujos ecos ainda hoje é possível ver e ouvir em muitas das manifestações artísticas e sociais contemporâneas. Diria mais: que é uma aventura que, longe de terminada, se renovou, pese embora os seus novos inventores já não terem a designação de Surrealistas.”

“O Artur do Cruzeiro Seixas dizia recentemente e eu não podia estar mais de acordo que ‘o Surrealismo tem, necessariamente, de evoluir’, de modernizar-se, e isso, de facto, tem acontecido. (...) Em todo o caso, a questão central proposta pelos Surrealistas mantém-se actual: construir uma sociedade assente numa trilogia de ‘Amor, Liberdade e Poesia’. Hoje, talvez, se possa (e deva?!) acrescentar mais alguns pilares - Globalismo, Altruísmo, Arte, Sustentabilidade - e recuperar, do ideário da Revolução Francesa a Fraternidade e a Igualdade, tudo valores, ideais, hoje muito em falta mas, simultaneamente, mais e mais essenciais à estabilização da espécie humana no seio do planeta e em si mesma”.

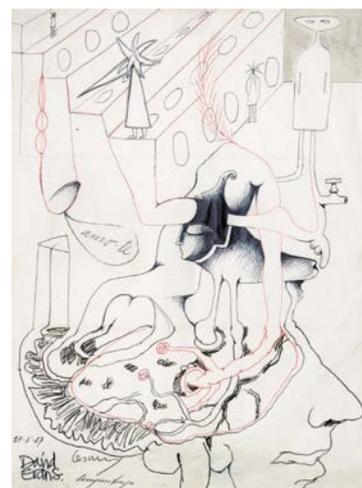


Mário Cesariny e Mário-Henrique Leiria - Portugal estação

Técnica mista s/madeira, 29x15cm, 1961 | CSY 111

Esta renovação de que falava, e os valores que na ocasião considerei essenciais e que estão cada vez mais em cima da mesa, só se conseguem, contudo, num exercício permanente com a memória daqueles nos quais nos inspiramos.

Daí que tenha sido essencial garantir que, em 2009, não fosse esquecida a singular acção colectiva de “Os Surrealistas”. Foram vários os eventos que dedicámos ao assunto, nos mais variados locais.



Cesariny | Cruzeiro Seixas | D. Evans - Cadavre exquis.

Tinta da china e esferográfica s/papel, 27,5x20,5cm, 1967 | CSY89



Cesariny | Rik Lina | Jorg Remé - Cadavre Exquis

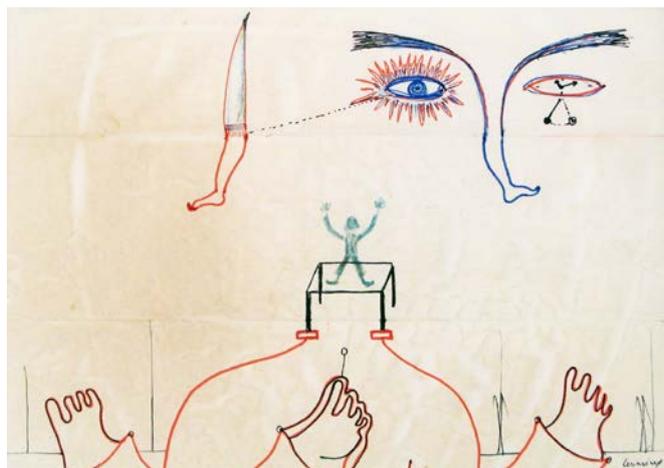
Técnica mista s/papel, 69x45cm, 2003 | CSY89

O programa começava com uma exposição dedicada, justamente, a “Os Surrealistas”, na antiga sala de projecções da Pathé Baby (Rua Augusto Rosa nº 58, 1º andar), evocando e revisitando aquela que em 1949 decorreu no mesmo local, homenageando os membros do anti-grupo português e todos os que por via da afinidade artística e intelectual com eles estabeleceram relação nas décadas posteriores.

60 anos volvidos sobre a “rebelião” que levou Cesariny, acompanhado por Cruzeiro Seixas, Pedro Oom, Risques Pereira, António Maria Lisboa, Mário-Henrique Leiria, Fernando José Francisco, Carlos Eurico da Costa, Carlos Calvet, Fernando Alves dos Santos, António Tomaz e João Artur da Silva a formar “Os Surrealistas”, era – e continua a ser – particularmente urgente a necessidade de sublinhar o percurso individual que, ressalvadas as cisões, a partir daí se empreenderia no sentido da reabilitação do indivíduo enquanto criador e do automatismo impulsor e gerador de criação, no sentido da luta contra a opressão, da luta contra os pré-determinismos e as negações gratuitas.

O avassalador fluxo de criação artística e intelectual que germinou individual e colectivamente ainda hoje provoca em nós uma interpelação contínua e permite a denúncia dos silenciamentos e a reivindicação crescente da liberdade de todos e de cada um, na criação, na acção e no pensamento, despidos de academismos e de palavras de ordem sem resultados práticos, que não são, como as exigia António Maria Lisboa, “palavras-actos” mas meras fórmulas alienadoras - enganadoras.

As fotos que apresento (8 e 9) documentam a intenção de reproduzir o gesto simultaneamente criador e transgressivo que alimentou a diferença da exposição de 1949, no local exacto em que essas obras e esses gestos tiveram a sua expressão primordial. A segunda exhibe, também, o convite aos participantes para livremente se integrarem na própria exposição.



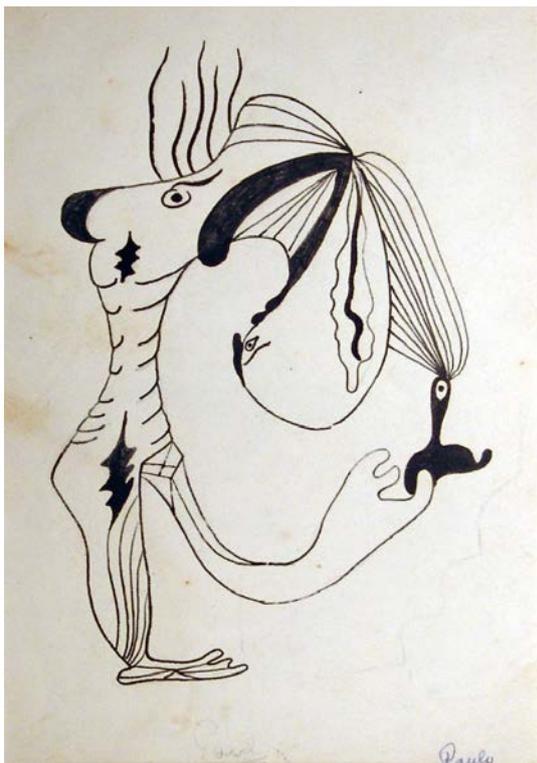
Cesariny | Laurens Vancrevel | Frida - Sem título
Cadavre Exquis, Técnica mista s/papel, 21x27cm, 1974 | CESQ_CSJ_LV_FD



(8) Ciclo evocativo dos 60 anos sobre a 1ª exposição de **Os Surrealistas**
núcleo expositivo da antiga sala de projecções da Pathé-Baby, Lisboa, 2009



(9) Ciclo evocativo dos 60 anos sobre a 1ª exposição de **Os Surrealistas** núcleo expositivo da antiga sala de projecções da Pathé-Baby, Lisboa, 2009



António Paulo Tomáz - Sem Título
Tinta da china sobre papel, 20,5x14cm, circa 1949 | PT09



António Paulo Tomáz - Sem Título
Tinta da chine sobre papel, 20x14cm, circa 1949 | PT09



Arttur Bual, Sem Título
Técnica mista sobre papel, 36 x 55 cm | AB0456

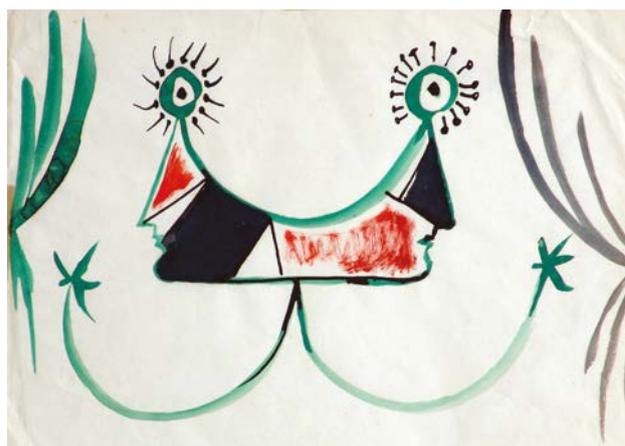
*“Não é verdade rapaz? E amanhã há bola
antes de haver cinema madame blanche e parola”*

A mostra “Surrealismo Abrangente”, que decorreu na Perve Galeria, teve como mote essencial o estabelecimento de ligações posteriores com outros artistas que se situaram próximo do movimento, sobretudo nas décadas posteriores à já referida exposição inaugural. Articularam-se nesse momento obras de alguns dos elementos de “Os Surrealistas”, posteriores a 1949, e obras de outros autores que, não fazendo parte desse elenco inicial, se foram ligando a figuras do anti-grupo. Falo de personalidades como António Quadros, Eurico Gonçalves, Gonçalo Duarte, Isabel Meyrelles, Raul Perez, Mário Botas, João Rodrigues, José Escada ou Natália Correia.

De algum modo, esse era também o espírito de duas outras iniciativas, a “Exposição Revisitação”, que decorreu na Rua dos Remédios, em Alfama, reunindo obras contemporâneas de artistas que, de forma mais ou menos directa, convergem com a proposta surrealista inicial e, sobretudo, com o seu tocante ideário central “Liberdade, Amor, Poesia”: eu-próprio, assinando Cabral Nunes; Chris Hales, com uma instalação multimédia interactiva, realizada de forma colaborativa comigo e que possibilitava a construção, em tempo real, de “cadavres-exquis” audiovisuais, por parte do público; inclusão de obras de Eva Alves, Fernando Aguiar, Inês Marcelo Curto, Gabriel Garcia, João Garcia Miguel, Manuel João Vieira e Ricardo Casimiro; e a “Exposição In-Situ”, que, num edifício da Junta de Freguesia de Stº Estevão, onde teria funcionado uma chapelaria até aos anos de 1960, em Alfama, se propôs realizar intervenções artísticas site-specific, num local não convencional, onde os mesmos autores contemporâneos (os que produziram obras para a exposição “Revisitação”) reinterpretaram o “gesto” inspirador do anti-grupo surrealista, criando, no próprio espaço físico, as obras e instalações com que pretendiam recontextualizar, numa re-leitura dialogante, o Surrealismo em Portugal. “Exposição Surrealismo – Conexões e Miscigenação” (Galeria Perve de Alcântara), dedicou-se a devida atenção ao pioneirismo do Surrealismo no contexto da Lusofonia, englobando na constelação surrealista uma série de artistas que, não tendo feito parte do grupo, se expressaram de acordo com a sua inspiração um pouco em todo o espaço da lusofonia, como Malangatana, Pancho Guedes, Ernesto Shikhani, Manuel Figueira e Reinata Sadimba.



Cruzeiro Seixas - Sem Titulo
Técnica mista s/ papel, 14x22cm, n.d | CS101



Cruzeiro Seixas - Sem Titulo
Técnica mista s/ papel, 20x30cm, n.d | CS100



Cruzeiro Seixas - Sem Titulo
Ferro, Alumínio e plexiglas, 18x29,5cm, 2013 | CS167 - A

“No riso admirável de quem sabe e gosta ter lavados e muitos dentes brancos à mostra”

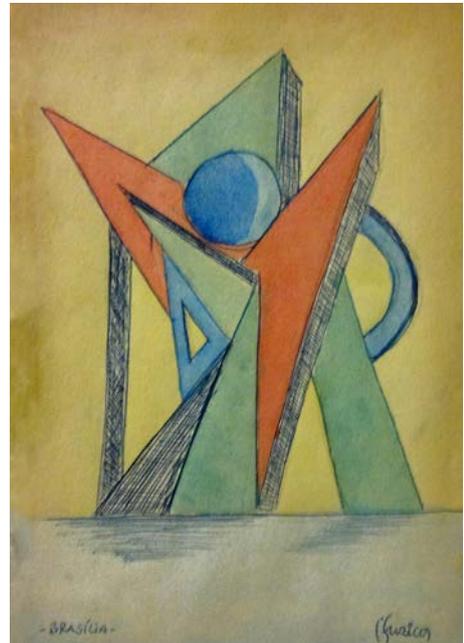
O surrealismo, tal como existia em 1949, não existe mais, nem poderia existir assim. As problemáticas hoje serão outras - semelhantes quicá em alguns aspectos mas de contornos e processos seguramente distintos. As ferramentas também. Pretender ser hoje surrealista como o foram os de 1949 será, por isso, um absurdo.

Mas o Surrealismo pode (deve?!) renovar-se noutros discursos e noutros métodos. Pode inclusivamente, adoptar outras designações mas mantendo a atitude e a formulação de pensamentos e atos para que permaneça acesa essa chama do que foi e poderá ser o Surrealismo, nessa sua proposta original, tão válida como atual. Em 1958, Cesariny escreveu no Manifesto Autoridade e Liberdade São Uma e a Mesma Coisa : “Ser-se livre é possuir-se a capacidade de lutar contra o que nos oprime. Quanto mais perseguido, mais perigoso. Quanto mais livre, mais capaz. Do cadáver de um homem que morre livre pode sair um acentuado mau cheiro. Nunca sairá um escravo”.

Há princípios éticos muito fortes no surrealismo, uma rejeição clara de sociedades marcadas pelo individualismo, uma negação óbvia de todos os tipos de repressão. Do Surrealismo urge que continuemos a herdar premissas fundamentais em que se pode enquadrar a trilogia “Amor, Poesia, Liberdade”, deriva clara, reformadora, dos fundamentos do Iluminismo mas, agora novamente reinterpretada para “Globalismo, Liberdade, Altruísmo”, se entendermos dever cingir-nos apenas e só a uma formulação tríptica, caso contrário se essa mesma assumir uma forma de nove pontos, não pontas, muito menos pontiagudas, interligados e equidistantes, perfeitamente identificáveis, poderíamos (deveremos!?) falar de “Globalismo, Liberdade, Altruísmo, Amor, Arte, Poesia, Sustentabilidade, Fraternidade, Igualdade”.

Dito de outra maneira: questões centrais que se colocam hoje ante o ser humano. Uma chama tão intensa e profundamente bela como a que foi acesa pelo Surrealismo, numa altura complicadíssima da nossa história - entalado entre as duas guerras mundiais, com a guerra civil espanhola pelo meio e com toda a espécie de ditaduras e colónias escravagistas que existiam - uma chama assim não pode nem, seguramente, ir apagarse. Cesariny dizia, a propósito: “Não se inquietem. O Surrealismo existe desde sempre e jamais acabará”.

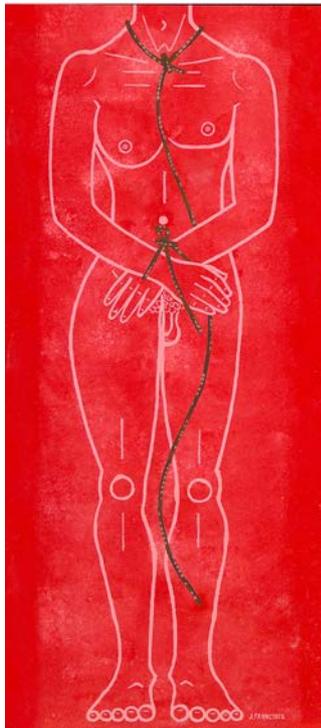
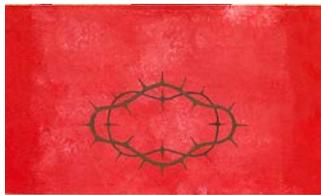
Carlos Cabral Nunes - 2016



Eurico da Costa - Brasília
Técnica mista sobre papel, 21x14cm, n.d
EC01



Ernesto Shikani - Sem Titulo
Técnica mista sobre papel, 28x14cm, 1992
S162



Fernando José Francisco - Ecce Homo
Técnica mista sobre madeira, 200x60x2cm, n.d.
FJF1



Fernando Lemos - Sem Título
Aguarela s/ papel, 37 x52cm, 1998| FGS105



Figueiredo Sobral - Sem Título
Técnica mista sobre papel, 50x35,5cm, n.d
FGS105



Henrique Risques Pereira - Sem título
Tinta da china e grafite sobre papel, 19,5x14,6cm, n.d
RP12



José Francisco Aranda - Pequeno Retrato do Almada Negreiros

Caneta sobre papel, 23,3x13,3cm, 1972 | JFA001

Dedicado a Mário Cesariny em 01-03-1973



Mário Botas - Sem Titulo

Tinta da china sobre papel, 25,5x18,5cm, 1973
MBO44



Man Ray - Sem Titulo

Serigrafia, 37,5x27cm, n.d | MRY01



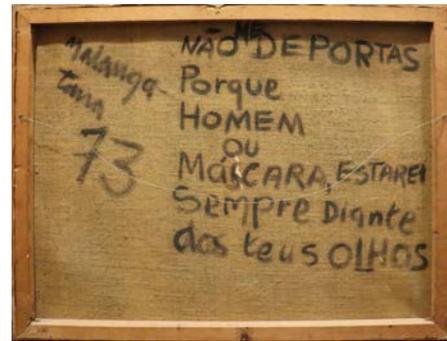
Manuel Figueira - O Lenço de Narciso

Técnica mista sobre a madeira, 62x80cm, 1997
MF194

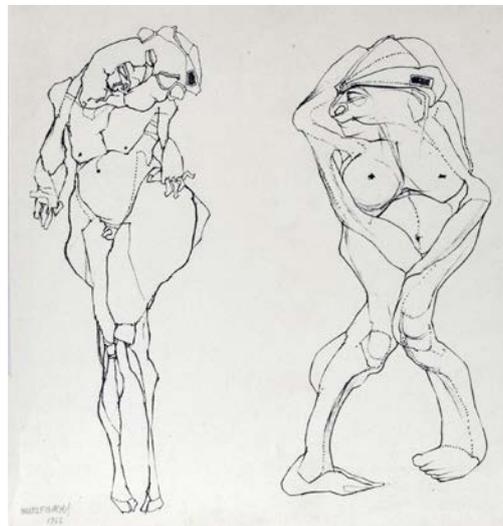


Manuel Viola - Sem Titulo

Óleo s/ madeira, 73x60cm, n.d | MVL05



Malangatana Ngwenya - Não me deportas, porque homem ou máscara, estarei sempre diante dos teus olhos
Óleo sobre tela, 72x92cm / 75x94,5cm (com moldura), 1973 | MAL032 | Frente e Verso



Manuel Figueira - Mocidade portuguesa em Parada
Tinta da China sobre papel, 30x29cm, 1966 | MF184



Reinata Sadimba - Sem Título
Cerâmica com grafite e cal, 50x54x32cm, 2023 | R244



Reinata Sadimba - Sem Título
Cerâmica com grafite e cal, 50x23x25cm, 2023 | R245



Pancho Guedes - A força do seu olhar
Óleo s/ tela, 50x40cm, 1996 | PG_AG6



Pedro Oom -Les chantes de Maldonar
Tinta da China s/ papel, 14x20cm, 1949 | POOM2



Pablo Picasso - Chronique des temps Héroiques, drypoint
Água-forte s/ papel, 52,4x18cm, 1956 | PCSS05.



Paulo Bruscky - Linguistic Poem Performance
Aguarela s/ tela, 21x29,7cm, 2017 | PG_AG6



Phillip West - Templo
62x15cm, 1996 | PWE2



Raúl Pérez
Sem título
Óleo s/ tela, 70x50cm, 1963 | RPZ07



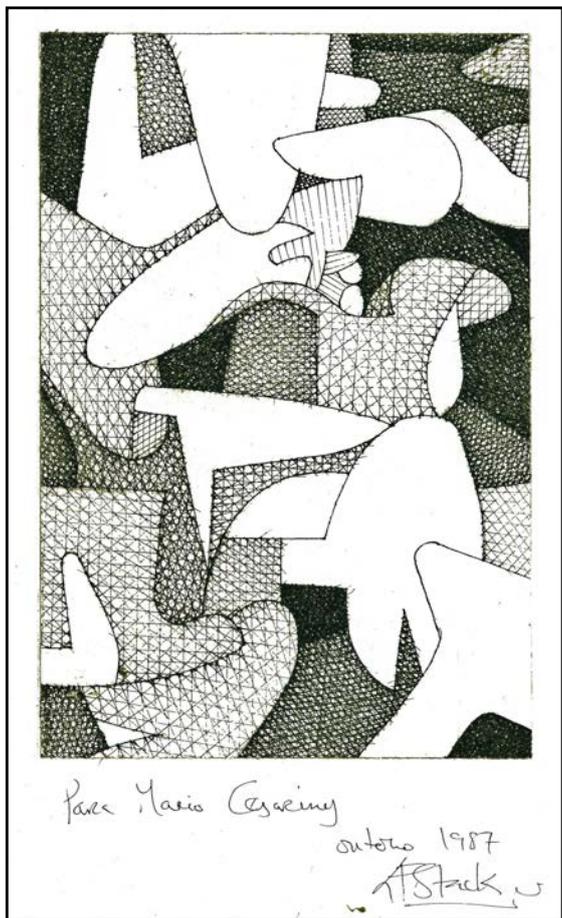
Teresa Roza d'Oliveira - Sem título
Óleo sobre madeira, circa 165x144cm, 2011 | TRO071



Victor Brauner - Femme
Tinta da índia e lápis de cera sobre papel, 24x17cm, 1948
VB01



Mário Cesariny - Sem título, da série "Passagem para a Índia"
Técnica Mista s/Papel, 29x21cm, 1999 | CSY133



"Desenho sobre o nome Mário Cesariny de Vasconcelos"
Lx., 1987

Oferta de Gerald Stack a Mário Cesariny
Frente e Verso | 1987 | GES001

Mário Cesariny, máquina de passar vidro colorido

Catarina Vaz Pinto

*“Sou um homem
um poeta
uma máquina de passar vidro colorido
um copo uma pedra
uma pedra configurada
um avião que sobe levando-te nos seus braços
que atravessam agora o último glaciar da terra.”*

Assim se definia Mário Cesariny de Vasconcelos no início do seu poema Autografia, ele que foi um dos maiores expoentes do surrealismo e da liberdade artística em Portugal. (...) Cesariny foi poeta e pintor. E, também, crítico, ensaísta e tradutor - ou poeta, surrealista e tudo. Nasceu e morreu em Lisboa, e nela viveu apaixonadamente todas as dimensões da vida, da sua vida: de espírito vivo e inconformista, com uma incessante paixão pela palavra, pela arte e, sobretudo, pela liberdade.

Foi nas tertúlias dos cafés lisboetas que descobriu primeiro o neo-realismo, com o qual rompe, de modo irónico, em Nicolau Cansado Escritor, poema reunido em Nobilíssima Visão, envolvendo-se depois no movimento surrealista, que o levou a Paris, em 1947, onde conheceu André Breton.

Foi fundador do Grupo Surrealista de Lisboa como forma de protesto libertário contra o regime e as convenções vigentes e cujas reuniões decorriam habitualmente na pastelaria Mexicana, o qual incluía, entre outros, Alexandre O'Neill e António Pedro. Mário Cesariny define o surrealismo como uma “Revolução” em todos os domínios: moral, político e estético. Segundo o poeta, o surrealismo não é um método ou escola, mas uma forma de insurreição permanente, na arte e na vida. Não é um período histórico, uma vez que os princípios de liberdade, subversão e amor que lhe dão substância emergem em diferentes épocas.

Como homem livre que sempre foi, criou mais tarde um grupo dissidente do primeiro, denominado Os Surrealistas, do qual fizeram parte, entre outros, Artur do Cruzeiro Seixas, António Maria Lisboa, Mário Henrique Leiria e Pedro Oom. “Cadáver-esquisito” e “despintura” foram técnicas surrealistas muito usadas por Cesariny na sua obra plástica que o ajudavam, segundo as suas próprias palavras, a libertar-se das convenções do gosto, procurando a autonomia do gesto e da cor. Libertou-se também na poesia escrita, numa época em que o “tecto estava muito baixo”, referindo-se o surrealista à falta de genialidade artística da sua geração (in Autografia, documentário de Miguel Gonçalves Mendes, 2004).

Amor, revolta, liberdade, desejo, são palavras indirectamente presentes na sua obra e que ele próprio utiliza para a caracterizar. Os seus poemas, em forma de pintura ou em forma de escrita, são uma espécie de grito, de expressão libertária. Afinal o que importa não é a literatura/ nem a crítica de arte nem a câmara escura/ (...) Que afinal o que importa é não ter medo (Pastelaria).

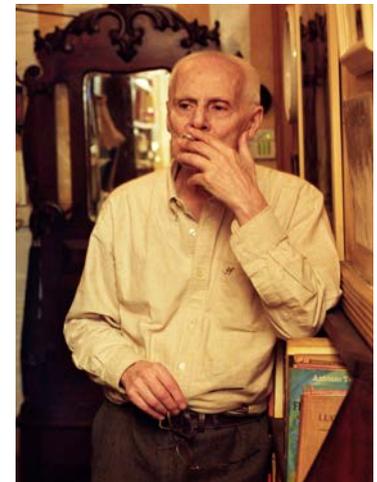
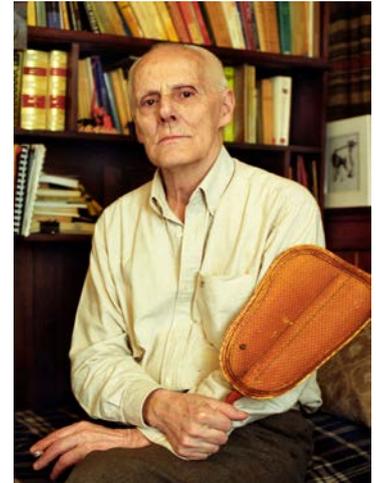
Importante artista plástico surrealista, também extraordinário poeta e homem eminentemente livre, Cesariny mereceu reconhecimento público através do Grande Prémio EDP de Artes Plásticas (2002), do Grande Prémio Vida Literária (2005), e da Grã-Cruz da Ordem da Liberdade (2005).

Detendo um lugar central na poesia portuguesa do século XX, está consagrado no Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, destacando-se pela sua “poesia espontânea, subversiva, fulgurante, animada por um sentido de contestação aos comportamentos ou princípios mais institucionalizados ou considerados normais no campo do pensamento, da cultura, dos costumes, do erotismo”.

Maria Helena Vieira da Silva assim qualifica Mário Cesariny:

Vejo a poesia do Mário muito
forte e muito densa ...
mas vejo e não sei traduzir em
palavras, o que vejo
É uma poesia única, como o
Mário é Único: em todo o sentido
da palavra

(in A PHALA, sobre Mário Cesariny, Assírio & Alvim)



Mário Cesariny, fotografado por Eduardo Tomé em 2004.



Isabel Meyrelles - O olho de gato de Mário Cesariny
Terracota pintada, 16,5x24x20cm, 2006 | IM4



Wifredo Lam - Oiseau de Feu
Escultura em cobre, 28x14x14cm, 1970 | WL1

A casa. “Quem sou eu?”

A pergunta é enunciada por André Breton na sua obra *Nadja* (1928). Nela o autor apresenta os pilares do movimento surrealista, enquanto o narrador homónimo vai sublinhando a importância do olhar interior no processo de deslocação dos modelos em pintura. O texto tece-se em defesa de uma arte transformadora e libertadora da sensibilidade contemporânea. A indagação dos processos artísticos, da liberdade expressiva e da própria territorialidade do mundo miscigenado delinearão a estrada que conduziu à ideia da Casa e à sua criação.

A Perve tem vindo a desenvolver um percurso único em torno da reflexão sobre a importância da vocação surrealista, o seu legado e actualidade em contexto nacional. Localizada no centro histórico de Lisboa, os espaços expositivos da galeria vêm sendo lugares onde as diferentes artes e tradições interagem e se compõem. Da música à performance, dos novos aos velhos meios, entre Portugal, África e o Mundo, as exposições sucedem-se como formas de participação. São capítulos de um labor comum no qual a fruição da arte, a vivência da cidade e a reconfiguração de universos se conjugam. Pessoalmente, acredito que esta Casa nos pertence a todos como lugar de causas comuns.

Tal como nas palavras e nos traços inscricivos de Mário Cesariny, este é um território onde continuarão a abrir-se novas perspectivas. Quadros como janelas sobre a natureza essencial das coisas. Existem obras e lugares onde os ecos e as imagens não se diluem, mas antes se repercutem para integrar o gigantesco banco de dados de que fala Guy Scarpetta. Também cada obra de Cesariny - tal como cada recanto da sua Casa - possui uma voz que se escuta para além da fronteira dos géneros artísticos. São pura expressão do prazer nascido do jogo das formas, dos códigos e estilos. São espaços de actualidade porque a sua ontologia reside na reinvenção de objectos, dos sentidos e modos de leitura que distinguem Cesariny como criador libertado. Aqui estamos em Casa. O projecto foi rasgando fronteiras e limites ao longo de uma década, tornou-se cosmopolítica porque as portas de Cesariny sempre estiveram abertas ao debate e à cidade. Esta porta de Cesariny marca agora não a fronteira, mas a linha de novas trocas e partilhas. É deslocação, colagem e simulacro. “Quem sou eu?” Tal como o movimento artístico que lhe subjaz, a questão enunciada por Breton é tão actual quanto eterna. O surrealismo captura - e “futuriza” segundo Julian Marias - o impulso projectivo da própria vida. Só a liberdade rasga limites e agita. E André, o narrador de uma muito jovem *Nadja*, dizia: “A beleza será convulsiva, ou não será”. Tal como esta Casa da Liberdade.

Será livre, ou não será Mário Cesariny.

Mafalda Serrano - Lisboa, 30 de Outubro de 2013



Mário Cesariny e Cabral Nunes, “Ama como a estrada começa”
obra colaborativa, técnica mista s/ papel, 29,7x21cm, 2006 | CSY088

Epi. Logo à laia de Pró. Logo

Este texto poderia haver estado no princípio, como aliás toda a organização do presente catálogo. Tudo se fazendo contrário do suposto (...) por acasos vários e um sopro persistente vindo não se sabe de onde, como um desígnio fazendo-se cumprir: se a evocação era de Mário Cesariny, ele nos estaria possivelmente guiando. E assim se fez, catálogo e exposição, sem cumprir o que da ortodoxia do fazer as coisas se diria certo ou errado, antes dando primazia ao desmontar do método e da verticalidade obscura dos ditames de quaisquer modas ou preceitos.

Este mesmo texto, escrito a lapiz e agora se tornando outra coisa, impelido por essa vontade seminal de fazer juz a quem se quer evocar.

Umás palavras apenas para dizer, de forma não maquinal, sentida, efervescente lâmina entrando suave na dimensão da gratidão necessária (...) a todos quantos, ao longo dos anos se tem feito amigos e mecenas desta actividade equiparada a nau de locos.brilhantes andarilhos ardentes. E uma chávena belicosa, plena de chá e encanto a todos mais todas que foram, com o seu labor e paciência ajudando este projecto a crescer e a tornar-se algo mais que uma ilusão candente, que também é e deve persistir sendo sem, com isso, se perder na capacidade de agir e de exigir, de si, antes que de outrém.

Falar, escrevendo, mas falar sempre dos caminhos de ilustre amanhecer onde nos renovamos e juntamos a nosso viver o sagrado de saber e querer ser: Arte. Liberta. Arte, construindo-se no interior de cada momento partilhado.

O Mário morreu, faz este mês 10 anos. É uma grande-grande dor, a sua ausência. Faz-nos falta o seu sentido, a vertical maneira de dizer alto e diante de muita gente “este leite está azedo”, na forma e no gesto d’humor, de amor.

Fica-nos, a mim, ao Nuno Espinho e à Graça Rodrigues (que dele tem memórias não vividas mas vivas como carne), a certeza de que continua poeticamente acompanhando este navio cheio de espelhos que fomos erguendo ao longo dos anos. E isso não é nada pouco.

Carlos Cabral Nunes | texto incluído no catálogo especial da exposição “Evocando Mário Cesariny”, que assinalava 10 anos sobre a morte do autor e o 3º ano da Casa da Liberdade, 2016.



Claude Yersin
Homenagem a Cesariny
Découpage s/papel, 24x17cm, 2023
CY005

Ficha Técnica

Conceito e Curadoria / *Concept & Curator*

Carlos Cabral Nunes

Direção Executiva / *Management*

Nuno Espinho

Produção / *Production*

Mariana Guerra e Miguel Cavaco

Comunicação / *Communication*

Inês Rego

Design Gráfico / *Graphic Design*

CCN & Beatriz Martins

Produção Executiva / *Executive Production*

Colectivo Multimédia Perve

Assistentes de Produção / *Production Assistants*

Manuel Gomes e Alexandra Sorokina

Impressão / *Print and Copyright*

Perve Global, Lda

Organização / *Organized by*

Casa da Liberdade - Mário Cesariny



Borderlovers - A Festa do Rei Artur, 100 Nadas Perfeitos para Cruzeiro Seixas
Acrílico sobre c-print, 25x35cm, 2020 | BL033 - 20

Agradecimentos / We thank to:

Isabel Meyrelles, João Artur Silva, Leslie e Merlin,
Maria Emília Moraes, Pedro Pollo, Família de Ernesto Martins,
Família de Eduardo Tomé, Ana Silva.

Fotografias de Arquivo - Direitos reservados

Stock Photos - All rights reserved



Transportes: Metro de St^a Apolónia; Elétrico 28
Estacionamento gratuito: Lg^o Igreja S. Vicente de Fora;
Lg^o Feira da Ladra [excepto 3^a f^a e sábado]

CASA DA LIBERDADE - MÁRIO CESARINY

PERVE GALERIA

Rua das Escolas Gerais, 13, 17 e 19
1100-218 Lisboa

Horário: 3^a a sábado das 14h às 20h
tel. 218 822 607 | tm. 912 521 450

www.pervegaleria.eu



Apoio / support



CT_122

Agosto de 2023 | Edição©® Perve Global - Lda

Proibida a reprodução integral ou parcial deste catálogo, sem autorização expressa do editor